

WLADIMIR OLIVIER

SÓ SEXTILHAS

PELOS ESPÍRITOS

PEDRO,
CARLOS
E
MARIA.

Charmant Esprit qui me
console!
Frère béni, doux et pieux,
Qu'avec toi mon âme
s'envole,
Qu'elle s'envole vers les
cieux!
Oui, je t'aime, ange tutelaire;
Avec bonheur je prends ta
main;
Je te suis, douce étoile; éclaire
Le ciel où nous serons
demain.

(Um espírita ao seu Espírito familiar.
In Allan Kardec. **Revista Espírita.**
Jornal de Estudos Psicológicos.
Trad. de Júlio Abreu Filho. [s. ed.],
São Paulo, EDICEL [s.d.] —
Terceiro ano, novembro de 1860,
p. 359.)

Sedutor Espírito que me
consola!
Irmão bendito, doce e piedoso,
Contigo minh'alma se evola
Pois que se evole para os céus!
Sim, eu te amo, anjo tutelar;
Com felicidade eu pego tua mão;
Eu te sigo, doce estrela; aclara
O céu onde estaremos amanhã.

(Tradução literal pelo médium.)

ÍNDICE

PEDRO

1. Misturando as tintas
2. Em forma de parábola
3. Um pouco de história
4. Sob o poder da palavra
5. A aparência sob suspeita
6. Quase feliz
7. Movimento de alma a favor
8. O sentido da resignação
9. Sempre é tempo de começar
10. No atropelo da morte
11. Do bom e do melhor
12. Pensando nos semelhantes
13. Compreendendo a reencarnação
14. A interpretação é toda tua
15. Eu componho; tu executas
16. Mundo de expiação e provas
17. Sem medo de compor
18. Um de cada vez
19. Meditando sobre o tempo
20. Alegre com moderação
21. A luta se justifica
22. Por ti e por mim
23. O mal maior
24. Final feliz

CARLOS

1. Como vai você, caro amigo?
2. Reflexões poéticas
3. Desejando ser feliz
4. Não sejam os versos apenas sons
5. O que se aprende se aplica
6. Resposta a uma injustiça
7. Vontade e criação
8. Em branco e preto
9. Orientação por tabela
10. Enfastiado?

11. Abrindo o jogo
12. Para cumprir tabela
13. Quero redimir-me
14. Tornando a rima leve
15. Poesia e vida
16. Sob tristes impressões
17. No capricho
18. Meditem sobre isto
19. São contentamento
20. Fruindo sem comprometimento
21. A cada passo, uma pegada
22. Comentário imprescindível
23. Reflexões natalinas
24. Carlos se retira

MARIA

1. Meu nome é Maria
2. A natureza moral dos versos
3. A provocação
4. Lições além da vida
5. Confissões de um coração de mãe
6. Dando explicações
7. Reviravolta final
8. Com algum discernimento
9. Preparando os espíritos
10. Vencendo o primeiro obstáculo
11. Dominando as circunstâncias
12. Cada um dá o que tem
13. Continuação pura e simples
14. Indo ao ponto nevrálgico
15. Breve inventário
16. Sinceramente alegre
17. Assunto obrigatório
18. Aperfeiçoando o desempenho
19. Eu, pecadora, me confesso
20. Promessa de vida
21. Batismo de amor
22. Inventário
23. Obrigado, amigo!
24. Saudosa despedida

PEDRO

1. Misturando as tintas

Ensinam-me na escola a compor versos
Mas todos que lhes mostro são perversos,
Que as regras são inúmeras, sutis.
Na Terra, nunca estive em tal seção,
Que a prosa me atraía o coração,
Achando os sentimentos tão só vis.

Castigam-me meus mestres mais por isso?
Jamais, pois assumi tal compromisso
De desfazer o imbróglio do desprezo.
Se venho, com lisura, demonstrar
O quanto o meu modelo é exemplar,
Preciso dar de mim, sem contrapeso.

São duas as sextilhas logo acima
Mas são o suficiente, em justa rima,
Para trazer ao povo o meu motivo.
Agora vou pedir inspiração
Ou mais, porque preciso da demão
Do professor que ajuda, estando vivo.

P'ra isso acontecer de forma boa,
Eu vou querer que escute, a ver se soa
Harmoniosa a trova no conjunto;
Mas peço que não trave a brincadeira,
Por mais que seriedade a mim requeira,
Pensando que não passo dum defunto.

A estrofe aí de cima me sugere
Que devo desfilar o *miserere*,

Pelas loucuras todas lá da vida.
Senhor, este que escreve tão somente
Aspira a tornar pública a semente
Que aqui plantou, após tremenda lida.

Falar das cabeçadas lá da Terra
Assunto muito pobre o verso encerra,
Que a gente quer sentir a evolução.
Assim, cada pecado compromete
Bem mais, quando a atitude se repete,
Que é como não farei no meu refrão.

As aulas me divertem, educando,
Porquanto macambúzio já não ando,
A suspirar, arrependido e tolo.
Agora, eu já trabalho livremente
E busco dar auxílio a toda a gente:
É regra deste verso, ao vir propô-lo.

Se repetir nos traz monotonia,
Que a novidade é *gancho* p'ra poesia,
A prece agradecida é de rigor.
Assim, a cada dia, uma palavra
Virá para adornar a minha lavra:
Jesus, pedi ao Pai bênçãos de amor!

2. Em forma de parábola

Fogoso, este poeta vem dizer
Que tem de aqui cumprir o bom dever,
Embora não compreenda quase nada.
Se o verso que produzo tem um fim,
Preciso que o leitor faça de mim
A ideia mais precisa, equilibrada.

Não sou, no fim do túnel, a esperança
De que o saber na rima já se alcança,
Pois a pílula o metro sempre doira.
O fato de compor arrevesado,
Conforme nesta estrofe eu abocado,
Não é sinal de luz imorredoira.

O que vem sucedendo é, simplesmente,
O meu desejo imenso e conseqüente
De tudo declarar segundo o mestre,
Pois o saber não pode ser simplório,
Que as leis me pedem prenhes relatórios,
Como a ciência trata o ser terrestre.

Analisando bem o meu assunto,
Não deves preocupar o teu bestunto
Em encontrar primores racionais.
As coisas se complicam por si só:
Se o homem, quando morre, vira pó,
O seu saber irá crescer bem mais.

Juntando este prazer de vir compor

Ao tema que coloco ao teu dispor,
O resultado anima e me deslumbra.
Porém, se tu te encontras sem caminho,
Pensando que o poeta é pobrezinho,
Acende a luz e sai já da penumbra.

A gente quer que tudo esteja à mão,
Sem suspeitar que os outros crescerão,
Por terem devotado a vida à luz;
Mas, antes de fazer só caridade,
A sua inteligência o mal invade,
Para entender melhor a sua cruz.

Não foi Jesus quem disse que os melhores
Iriam perceber os pormenores
De seu ensino em forma misteriosa?
Não criticou também a sua gente,
Que tudo perguntava ingenuamente,
Jamais dando resposta à sua glosa?

O mesmo irá sentir o meu amigo
Ao prosseguir na trova aqui comigo,
Embora seja menos problemática.
Mas, ao fazer as contas deste ensino,
Jamais irás dizer que discrimino
Quem nunca se afinou co'a matemática.

Senhor, aceita o forte sentimento
De simpatia e amor, pois me contento
Em vir ditar uns versos com sentido.
Se longe da beleza paira a rima,
Salpica pela trova a tua estima,
Dizendo ao meu leitor que não duvido.

3. Um pouco de história

Tão logo aqui cheguei, fui recebido
Por muitos dos amigos e confrades.
Não fora muito bom e tais verdades
Não eram p'ra ocultar, mas eu duvido
Que alguém mantinha ódio contra mim,
Por mais que para o gajo fui ruim.

Por isso, temeroso, os meus abraços
Se deram entre lágrimas de dor:
Pedi a cada um para dispor
De complacência para os rudes laços,
Que a vida fora breve, sem que desse
Para colher bons frutos dessa messe.

Não encontrei, porém, alguns sujeitos
Que me informaram a vagar no Umbral,
Porquanto era de todo natural
Não serem escolhidos nem eleitos,
Se tudo o que fizeram pela vida
Os sofrimentos d'alma convalida.

Assim, bem percebi que os que encontrei
Estavam num degrau mais adiantado.
Por isso é que p'ra mim foi de bom grado
Que recebi do mestre a boa lei
De que o resgate deverá partir
De quem conhece mais seu devenir.

Pensei ser devedor de toda a gente

E logo percebi que merecia
O mesmo sentimento de alegria
Aquele que, no escuro, descontente,
Pensava o desafeto vingativo,
Conforme o mau costume quando vivo.

Parti, com meus colegas, para as Trevas,
Em busca de algum ser não conformado,
Que as preces fazem bem, se o seu estado
Condiz com emoções menos malevas,
Seguindo por caminho tão estranho
Que os males não descrevo, pois me acanho.

Precisa que haja um Dante neste ponto
E o meu poema é simples como a prosa.
Por isso, a informação aqui se dosa,
Que o meu leitor protejo e dou desconto
Às dores que, tremendas, lhe traria,
Se tal fosse a intenção desta poesia.

Mais quero despertar quem tanto almeja
Vingar-se dos imigos lá da Terra;
Portanto, o meu poema só descerra
A nobre, estimulante e sã peleja
Que deve combater quem não tem medo
De receber as dádivas mais cedo.

Estendo o lenitivo desta norma
Até p'ra quem perdoa e não se ofende
Co'as travessuras tolas de duende
Que quem lhe deve as custas não transforma,
Porque não pede ao Pai nem a Jesus
Que traga à escuridão alguma luz.

4. Sob o poder da palavra

Naturalmente, a vida sempre ensina
A distinguir os males pela dor;
Também nos faz saber, por dons do amor,
Qual sorte nos aguarda, peregrina,
No mundo dos espíritos, após
A morte vir colher a todos nós.

Precisa que haja vista muito atenta,
Para livrar-se o gajo das quimeras,
Pois pairam muitos seres como feras,
Na região umbrática cruenta,
Que não se deram conta da importância
De sofrear da liberdade a ânsia.

Se existe algum rigor e disciplina,
Se estuda a sorte aquele que mais sofre,
Vai transformar o coração num cofre,
Para guardar as teses da doutrina
Que o Espiritismo trouxe para a luz,
Seguindo o ensinamento de Jesus.

Não tenho novidades p'ra contar:
Os versos servem só de testemunho.
Se tu desprezas tudo, eu me acabrunho,
Sem ver razão p'ra frequentar teu lar.
Mas deixo esperançoso as minhas rimas,
Pois sei que me compreendes, que me estimas.

É muito humana a minha informação,

Que reproduz somente os teus valores,
Pois o meu mestre disse: — *P'ra te pores*
De bem com o leitor, não digas não;
Mas mostra os benefícios de ser puro
Àquele que repete: Eu juro, eu juro...

E cita, caro amigo, os livros todos
Da lavra de Kardec, e bem do início,
Estimulando assim, sem artifício,
Que sejam ditos só uns bons apodos,
Alegres, feiticeiros, sem maldade;
E crê que o teu leitor se persuade.

Por isso é que a leitura que hoje trago
É leve e prazenteira, quanto é útil,
Pois não traria aqui um tema inútil,
Querendo auxiliar, causando estrago.
Se pobre o meu compor a ti parece,
Alegra-me a lição e ganho a prece.

Quem tem discernimento para a crítica
Não deve elogiar-me facilmente.
O resultado é dúbio? Que me agunte,
Que minha ideia é firme e não política,
Pois dou na ferradura e outra no prego,
Que é como esta encomenda agora entrego.

Para pôr fim à trova deste dia,
Preciso já rogar por luz ao Pai,
Que o texto, certamente, agora vai
Mofar na prateleira, todavia,
Me resta uma esperança capital:
Que não se veja a rima como um mal.

5. A aparência sob suspeita

Por bem, eu consegui chegar aqui
E sem saltar um único conselho,
Pois p'ro meu mestre o mal do destrambelho
Está no relatar como vivi,
Sem demonstrar as causas destas dores,
Que é como pensam todos os mentores.

Obedecer é norma da Escolinha,
Porquanto o aluno prima ao repetir
Que, apenas com amor, nosso porvir
Será dos mais felizes. — *Adivinha,*
Ó tu que queres sempre ser glorioso,
Qual há de ser do vate o nobre gozo.

Eu digo, se tu pensas diferente,
Que a forma não é tudo para a glosa,
Que existe uma razão mais poderosa
Também p'ro conteúdo que se sente
Transposto para o verso, em claros sons,
Se tens do solfejar os altos dons.

Por isso é que é difícil ter sucesso
Na descrição simplista dos problemas:
Ao transformar os vícios nestes temas,
Ao bom leitor, com calma, eu sempre peço
Que não ponha na letra, oficialmente,
O pensamento puro desta gente.

Se digo ao meu amigo: — *Tenho medo!* —,

Não é p'ra interpretar minha poesia,
Querendo nela ver se eu não daria
Co'a língua nos meus dentes muito cedo,
Errando nos conceitos das virtudes,
Dizendo para ti: — *Quero que estudes...*

Existe quem com trena vem medir
Os decassílabos, conforme as normas,
E esquece que se dão às mesmas formas
Os temas mais diversos p'ra iludir
Quem venha, ingenuamente e sem cuidado,
Deixando os tais conselhos já de lado.

Se queres, bom amigo, ser feliz,
Procura, atende, ajuda, amarga e sofre:
Talvez tenhas de abrir o próprio cofre;
Talvez tenhas de ouvir, como juiz,
O coração que acusa e que renega
O resultado injusto da refrega.

Mas, sempre que buscares ser perfeito
No bem que praticares, com Jesus,
Evita esta vergonha que seduz
Aquele que não mostra ter mais jeito,
Fazendo de propósito esta rima,
Apropriada p'ra que a luz se exprima.

Eu peço que Jesus também perdoe
Quem teve esta ousadia de rimar
Sem pôr qualquer sentido no lugar
Que tanto amor sustém, caso ressoe
Em forma de oração a nossa voz,
Medida e conteúdo só dos prós.

6. Quase feliz

Tranquilo, sossegado, o coração
Me bate cá no peito, nesta hora
Em que posso dizer que o bem vigora
Nas almas que me ajudam no refrão,
Que existe muita paz e muito amor,
Nos braços de Jesus, nosso Senhor.

O quanto de atropelo dessa vida,
Que trouxe cá p'ro etéreo, apalermado,
Acaba de ser posto ali de lado,
Que a luz dessas virtudes me convida
A meditar nos feitos beneméritos
Que resultaram claros nos inquéritos.

Os passos que nós damos mais seguros
Aqui também darás, está bem certo,
Ó tu que nos envias do deserto
Que representa a carne aos moritueros
O apelo p'ra que a peça que escrevemos
Contenha, nos informes, dons supremos.

Quiséramos tornar os versos claros
A ponto de fazer-vos bem mais sábios,
Mas tudo o que disserem nossos lábios
Não pode provocar quaisquer enfaros,
Que a messe que colhermos na existência
Reverterá em próvida ciência.

Assim, toda cautela é de rigor

No trato destes temas sibilinos,
Que os homens não compreendem que haja hinos
No extremo desta esfera exterior
E menos nos aceitam, se mostramos
Que pendem frutos doces destes ramos.

Lembramos de Kardec a receber
O galho da videira por sinal
Da rútila união transcendental,
Desenho que um bom médium com poder
Passou ao Mestre amigo e compreensivo,
Que nunca duvidou desse motivo.

Pedimos, por prudência e perspicácia
No tratamento lúcido das rimas:
Precisa que haja amor nas obras-primas,
Embora se compreenda alguma audácia.
Por isso é que devemos ser honestos
E superar, se houver, rudes doestos.

No foco destes versos, tua sina
A dar a nós o prisma da cesura,
Que é certo ser do Pai a criatura,
Conforme a lei que o Cristo nos ensina.
Não malhes contra nós mau sentimento;
Procura perdoar o nosso intento.

Pedimos a Jesus que nos ajude
Nos versos que queremos sejam puros,
Mas, se os julgares só perversos, duros,
Aplica, em prol de nós, tua virtude,
Orando compungido a melhor prece,
Que o bem do amor é fruto dessa messe.

7. Movimento de alma a favor

Não vim p'ra perturbar o nobre amigo
Que segue nesta estrada pedregosa,
A ler os meus poemas quase em prosa,
Brigando algumas vezes já comigo,
Que o fruto do plantio amadurece,
Embora seja simples nossa messe.

Fazer o bem a cada irmão na estrada
Não deve ser difícil, quando a glosa
Se entende e seu teor sempre se dosa
Pelas virtudes áureas que arrecada
No estudo da doutrina, sério e justo,
Sem dar ao bom leitor sequer um susto.

Se devo partilhar este momento,
Obrando p'ra que a rima seja pura,
Não posso permitir a sinecura
Do gajo que me lê mui desatento
E peço, nesta forma literária,
Não seja a tua fé muito precária.

No etéreo, existem almas menos boas
Que atingem certo nível de instrução.
Pretendem demonstrar que o coração
Também sabe entoar algumas loas
Que trazem aos mortais contentamento,
Conforme, nesta trova, eu documento.

É pena que nem sempre é manifesta
A luta pela aura mais feliz:
Não deverás julgar que ninguém quis
Trazer o melhor verso para a festa
Das luzes da doutrina de Kardec,
Porque se encontra semi-aberto o leque.

Porém, quando a tristeza se avizinha,
Sugiro que retornes e nos leias,
Conforme as operárias, nas colmeias,
Repetem sua lide comezinha,
E façás a promessa de aceitar
Alguns dos nossos versos no teu lar.

*Aí, irás pensar: — Quanto trabalho
Apenas na ilusão que possa ter
Sucesso na leitura e bem-querer
Algum leitor perdido, algum paspalho
Que renegou um dia esta leitura,
Porque pensou nos bens da sinecura.*

Com a consciência lúcida, sagaz,
Ninguém irá dizer que perco a vez,
Que o verso que aqui dito tão burguês
Não pode despertar do amor a paz,
Que existe tal miséria pelo mundo
Que não vai alegrar-se um só segundo.

É certo o pensamento pelo irmão
Que sofre e se contorce na miséria,
Mas o meu verso é coisa muito séria,
A despertar a luz — sofreguidão
De quem participou como ser vivo

E agora vem dizer que está cativo;

Cativo de Jesus, de sua bênção,
Que eu peço a todos nós, embora pobres.
Caso tu não me entendas, não me cobres,
Que eu rogo aos meus amigos se convençam
Que a prece, que se eleva muito pura,
Também irá dotar-te de candura.

8. O sentido da resignação

Nem tudo o que se diz nos versos meus
Passou pela cabeça dos leitores;
Também não sei dizer quais são as dores
Que o mundo quer se mostrem para Deus,
Que existe um compromisso com meu mestre
De seleção, no campo extraterrestre.

Assim também, resisto a vir compor
A demonstrar quais sejam as virtudes
Que elevam os perfeitos, p'ra que mudes
O proceder, na esfera inferior,
Sabendo quanto a luta é natural
E como o teu crescer anula o mal.

São teses que preciso referir,
Para que tu não penses ser mui fácil
Trazer composição de forma grácil,
A dar ideia falsa do porvir,
Como se a morte fosse tão gloriosa
Que produzisse apenas bela glosa.

As emoções fenecem mesmo aqui,
Que a glória não perdura porque a rima
Exige outros preceitos, como acima
Selecionei os temas que vivi:
A evolução produz o desafio
Que deve encher o ser de novo brio.

É bom, portanto, que o leitor ilustre

Aceite o verso humilde e se envaideça
De tê-lo já de cor e de cabeça,
A desejar um outro em que se frustrre
A ideia do perfeito nestas trovas,
Porque sei que a mesmice tu reprovas.

Mas temos de passar por certas fases,
Para chegar mais longe no caminho:
Eu mesmo, sendo um vate, não me aninho
Nos louros da conquista, caso atrases
O teu progresso, nesta luta humana,
Na qual o superar da dor irmana.

Se meditares um pouquinho só
Naquilo que te digo nestas linhas,
Eu acho que, mui breve, te avizinhas
De refletir nas causas de teu dó,
Ao pôr de lado a vida de conforto,
Mesmo aceitando estar um dia morto.

Existem coisas que se obrigam tanto
Que não podemos vir com panos quentes;
E mui pior será, caso alimentos
A falsidade de um pensar sem pranto:
O que devemos de firmar na alma
É que o futuro exige a fé que acalma.

Por isso é bom pedir, em cada prece,
Que seja a nossa ação esclarecida,
Para darmos sentido certo à vida,
Pois a felicidade se engrandece
Quando, por suportarmos nossa cruz,
Com muito amor, louvamos a Jesus.

9. Sempre é tempo de começar

Não posso esclarecer a quem duvida
Das falas cá do etéreo nestes versos
Se existem uns sermões no mal imersos,
Porquanto o vir provar não dá saída;
Apenas acrescenta um compromisso
Aos temas doutrinários do serviço.

Aos poucos, a leitura compromete
O pensamento numa área nobre,
Terraço de esplendor, sem que se dobre
O espírito a pintar, folgado, o sete.
Então, alguns gracejos se permitem,
Caso com os ensinamentos não conflitem.

O bom humor da turma transparece
Apenas p'ra mostrar nossa alegria,
Que a dor dos sofrimentos não traria
Nenhum prazer a quem aí padece.
Se Jesus Cristo fosse consultado,
Talvez deixasse a cruz deitada ao lado.

Não é que as entidades se aborreçam:
Os homens é que sofrem pelo mundo.
Não posso vir dizer que me confundo,
Pedindo que as virtudes não se esqueçam.
Um pouco de juízo em cada qual
E logo indagarão: — *Cadê o mal?!...*

Por isso é que devemos sofrer

Os ímpetos que clamam contra a dor.
É certo que o sofrer não tem valor,
Se o gajo não aceita o seu lugar:
Os homens e os espíritos estimem
A sorte, caso peçam que hoje rimem.

Alguns hão de penar em cada linha,
Querendo copiar versos alheios;
Alguns, tal como eu, fazem rodeios,
Pensando que o sentir os espezinha,
Querendo demonstrar uma ciência
Que só se ajusta ao bem com paciência.

É natural que tu também recuses
A tal tarefa espúria ao teu poder,
Porém, se te resolves a ceder,
Não vendo nestas trovas grossas cruces,
Quem sabe aqui estarás, um belo dia,
Ditando, com prazer, tua poesia.

Começa, caro irmão, um sério estudo,
Apetrechando-te de rimas ricas,
Não tanto quanto à forma; vê se aplicas
O teu discernimento ao conteúdo
E faze dessa vida o teu exemplo,
Guardando o coração em lindo templo.

Depois, pede a Jesus a melhor bênção,
Que a multidão vai ler e vai seguir
O ensino que ministras ao porvir,
Mesmo que os teus irmãos não se convençam
Que tu sofreste horrores ao compor,
Pois tal castigo é justo e tem valor.

10. No atropelo da morte

Se a dor de alguma perda mui te oprime
O coração, pois sofres tal desdita,
Pensa na cruz do Cristo e já medita
Que o tempo há de tornar o amor sublime:
Que as lágrimas de agora se depuram
No bem que as orações nos asseguram.

Se tens algum amigo sofredor,
Agita o sentimento em seu favor,
Abraça-o também e chora junto,
Que a dor que se reparte, em hora triste,
Demonstra que um destino mútuo existe,
Para que um dia versem outro assunto.

— *Misericórdia, Pai!* — hás de clamar,
Nas ânsias da tristeza do teu lar,
Por falta de algum ente mui querido.
Mas, tendo fé nos dons da sorte justa,
Verás que a vida é curta e que não custa
O tempo de encontrar quem foi perdido.

Não temos um conforto sem a prece,
Que a humanidade sempre nos parece
Em busca de esperança e lenitivo.
Por isso é que Jesus sofreu também:
Para mostrar que a dor se põe além
Dessa vontade simples do ser vivo.

É fácil vir compor uns pobres versos,

Enquanto os nossos entes vão dispersos
Mas sem curtir as dores mais agudas.
A hora mais premente da desgraça
Apaga da memória o bem sem jaça
E tu podes chorar, sem que te iludas.

Por isso é tão frequente o desespero
Que o tempo desfará, sem exagero,
Apenas pelas novas esperanças
Que crescem nos anseios, finalmente,
De que se nutre o amor de toda a gente
E para o qual bem sei que sempre avanças.

O mundo que nos serve de morada
Não pode prometer na morte o nada,
Que a vida é só princípio e nunca fim.
Partir todos partimos: ninguém falha;
Apenas o sofrer nos atrapalha.
Mas para quem partiu não é assim.

Se fez o bem na Terra a todo o povo,
Ao regressar p'ra cá, vai ver de novo
A turma que ajudou sem condição.
Se jovem ou bem velho é indiferente:
Precisa que haja amor tão simplesmente,
Para que o gajo ganhe a salvação.

Perdão, Jesus, se vim tão deprimido!
Aceita a minha prece sem sentido,
Porque não pus mais fé nos versos meus.
Mas dá a quem me lê sofrendo ainda
A doce compreensão que a vida finda
Segundo as leis do amor que vem de Deus.

11. Do bom e do melhor

É sábio todo aquele que pergunta,
Sem aceitar resposta incompreensível.
A informação do etéreo tem bom nível,
Se, ao conteúdo claro, o bem se junta,
Para explicar os tópicos da lei,
Dizendo, sem temor: — *Isso não sei!*

— *Então, o que responde ao mal se atreve,
Por sugerir que o tema sem resposta
Assim há de ficar, porquanto arrosta
Quem traz para a poesia sempre leve
O seu conceito de pureza e fé,
P'ra não dizer de fato como é?*

É claro que a poesia é simplesmente
Um bom lugar p'ro sentimento humano;
E, quando venho te dizer que explano,
Com certa propriedade, a toda a gente,
Incluo na proposta que compreendas
O ponto da jornada e das fazendas.

Uma resposta simples não provoca
A reação comum nos indivíduos.
Aqueles nestes temas mais assíduos
Recebem bem melhor e sem fofoca
A informação veraz de quem não sabe
E fica a imaginar o que lhe cabe.

Se o texto fica curto além da conta,

Acostumado o bom leitor co'a rima,
Não queiras tu também negar estima
Apenas por chegar quem só te aponta
As falhas e os remendos de teus erros,
Lembrando aos imortais os seus enterros.

É certo que o poeta se abespinha,
Se alguém vem deduzir que o mal espalha.
Quem é que sempre é bom, que nunca falha,
Nem mesmo ao redigir sem entrelinha,
Apenas afirmando as tais verdades
Que tu conheces bem, sem que te enfades?

Aos poucos se compreende porque vim
Atormentar o meu leitor co'a trova,
Que a lei do verso não conhece prova
Que não provoque dor, perto do fim,
Pois a consciência deve ser ferida,
Se queres alcançar vencer na vida.

O que pode restar dum verso tosco
Que luta por fazer-se mui fluente?
A prece que se escreve, finalmente,
Ao perceber o gajo o seu enrosco,
Pois carregar a cruz não é vantagem,
Se não restar do texto uma mensagem.

Senhor, aceita a nossa despedida,
Enaltecendo o amor em cada verso,
Porquanto o sentimento vai imerso
Nas auras multicores desta lida;
Abençoa quem honra o compromisso
E põe sobre o poeta o teu feitiço.

12. Pensando nos semelhantes

Entende, caro irmão, que esta poesia
Não vem p'ro desperdício do teu dia
Nem quer este que escreve o teu louvor.
A peça é p'ra que penses firmemente
Se existe algum motivo interferente
A te impedir de dar-me o teu amor.

Se julgas que meu *papo* é só balela,
Que a vida é bem melhor se, dentro dela,
Houver apenas gozo com prazer,
Que a dor que aqui desfilo é só imagem,
Que a morte há de pôr fim à tal viagem,
Coloca-te de frente ao teu poder.

A mente, por estranho que pareça,
Produz uma sentença na cabeça
De cada ser humano, aí na Terra.
No etéreo, o pensamento é diferente,
Porquanto ocorre sempre a muita gente
O tema que a verdade e o bem encerra.

É essa a diretriz das religiões,
Que buscam reunir as multidões
Debaixo de doutrina sem igual.
Se todas divulgassem só o bem,
Tornando todo o povo igual também,
A vida iria ser mais natural.

Mas a doutrina espírita revela

Que existem diferenças e cancela
A ideia da pureza universal.
O que se pede ao povo é que trabalhe,
O que não é somente vil detalhe,
Porquanto, um dia, há de acabar o mal.

No esforço p'ra crescer, cada indivíduo
Tem de mostrar na lide ser assíduo,
P'ra merecer estar entre os melhores.
A luta é tão ardente nesta esfera
Que muita gente simplesmente espera
Colher o que plantou, nos arredores...

Mas isso não é bom para o progresso:
Precisa que o plantio nos dê acesso
Ao centro do pomar, do paraíso.
A tal proibição de certo fruto
Está só na colheita do produto:
É livre o coração — eis meu aviso.

Assim é que redijo a minha trova,
Que eu quero que se mostre a melhor prova
De tudo quanto falo nos poemas.
De que me adianta vir com tanta lábia,
Se a rima, por modéstia, não for sábia,
Deixando de versar os ricos temas?!...

Cristo Jesus virá p'ra abençoar
O meu irmão que vela no seu lar,
Imaginando as teses verdadeiras;
E a mim dará mais força, paz e luz,
P'ra transmitir os versos que compus,
Caso, com muito amor, tu lhe requeiras.

13. Compreendendo a reencarnação

Na noite do que outrora foi a vida,
Que a luz se faz agora para mim,
Estive muito perto do meu fim,
Pensando ser a alma uma saída
De quem se aferra à carne tão somente,
Sem dar qualquer sentido ao ser presente.

Depois que adormeci para tal plano,
Bem pude apreciar o meu engano,
Correndo livremente pelo etéreo.
Sofri nas mãos perversas dos inimigos
Dos tempos nebulosos mais antigos,
Até chegar a ser um *cara* sério.

Queria retornar à vida ainda,
Trazendo alguma sorte bem mais linda,
P'ra resgatar os males que causei.
Mas, cá no Umbral, a dúvida não cresce,
Se ao Pai o gajo eleva a melhor prece,
Ao se inclinar ao jugo desta lei.

Por isso, muita gente cá não volta,
Porque das emoções o mal se solta,
Ao soerguer a alma que se inteira
De quais virtudes deve emoldurar
Os dons bem mais felizes do lugar,
Ficando nesta esfera prazenteira.

Assim, se evoluir, o gajo torna

Com a missão sagrada que se orna
Da superior função do amor fraterno.
Vem p'ra ajudar a vida dos aflitos,
Amenizando as dores, sem atritos,
Que a paz se dá, enfim, no que era inferno.

Por isso, eu acredito que tu deves
Refletir bem mais nos fatos leves
Que trazem mui feliz a tua mente.
Não desperdices tempo com bobagens;
Recebe, com amor, minhas mensagens
E busca progredir nesse ambiente.

Mas, se tu vens co'a mente perturbada,
Lendo e relendo, sem que entendas nada,
Suspeita que se trata de teu carma.
Mantém teu compromisso co'a virtude;
Não julgues que o prazer o mal ilude
E sacrifica o gozo que desarma.

Provoca a reação do teu pendor,
Para testar quais bens são de valor,
Que sigas vendo sempre o que é mais certo.
Se tens discernimento na doutrina,
Sabendo o que Jesus ao povo ensina,
A minha voz não prega no deserto.

Desejo agradecer tua firmeza,
Pedindo que Jesus proteja a mesa
Em que recebes o meu verso rude;
E a ti também, ó meu leitor querido,
Eu trago o meu abraço comovido,
Rogando ao Pai que envie quem te ajude.

14. A interpretação é toda tua

Não tenho a pretensão de vir dar aulas
Nem de prender os temas nestas jaulas
De tons e semitons que o verso encerra.
É livre esta poesia e assim vai ser,
Para que tu mantendas o poder
De exercitar o arbítrio, aí na Terra.

Também devo informar não ser poesia,
Se o gajo narra em versos o seu dia:
É prosa, simplesmente, e mais seu metro.
P'ra que o poema tenha rendimento,
Precisa que haja a luz do sentimento,
Que apenas co'a razão bens não perpetro.

O exemplo do que digo é o próprio verso
Que não divaga a esmo no Universo,
Tão só preocupado com a rima.
Os termos que disponho com mais arte
Nem sempre têm os meios de mostrar-te
Que a forma e o conteúdo o bem sublima.

São poucos os recursos quando o tema
Transcende o sentimento e logo emblema
A tal lição que venho ministrar.
Aí são cerebrais os resultados,
Quando os leitores ficam tão calados,
Querendo cada página exemplar.

Do mesmo modo, a vida pede provas

De que precisas dar às minhas trovas
Real sentido, no frigir dos ovos.
É que a comida é farta e apetitosa,
Pedindo um vinho bom, que assim se goza
Todo o equilíbrio amigo destes povos.

Mas o mistério exige que a doutrina
Não seja tão hermética e defina
As diretrizes todas do progresso.
Aqui nós simplesmente estimulamos
Que os frutos pendam doces nos teus ramos,
A forma e o conteúdo do sucesso.

Se vens com teu escudo levantado,
É bom que o ponhas logo aí de lado,
Pois a convocação ao bem que faço
Não dá p'ra confundir o teu bestunto,
Que é fácil de encontrar o meu assunto
Nas obras de Kardec, em breve espaço.

Não sei se dei de mim de forma clara,
Mostrando que o valor que se depara,
Nos versos que compus, vão mais além
Destas sextilhas nobres pela estima
Que quero demonstrar-te, em cada rima,
Como não vou queixar-me a ti também.

Jesus, eu quero pôr nos estribilhos
A dor e toda a luta, sem rebrilhos
Do gênio que desfila na avenida,
Num festival de estrelas coruscantes;
Porém, não quero versos mas quadrantes
Nos quais ao raciocínio a fé convida.

15. Eu componho; tu executas

— *Perfeito!* — hás de exclamar perante a rima,
Depois de meditares sobre o tema.
Existe um titubeio no poema?
O mais é puro enfeite e desanima,
Que a dor que se dispõe sem formosura
Não chega a emocionar; e o bem não dura.

Mas quando a trova toda se esmiúça
E não se encontra um único senão,
Os anjos lá no céu receberão
Os cânticos da fé que amor aguça
E, em dobres de alegria, os sinos soam,
Que as almas criam asas e revoam.

É como a nossa turma se entretém,
Depois de solfejar algumas notas.
Mas tu que ao compromisso te devotas
De examinar as trovas cá do além,
Às vezes nem percebes que é feliz
Aquele que não falha, por um triz...

Uma cantiga só, uma ciranda
Que faça a criançada folgazar,
Em vez desta tertúlia em mau lugar,
Pode trazer a ti os sons da banda
Que empolgam o teu gesto e dão mais glória
Que todo o sofrimento desta história.

Aqui, cada palavra tem seu peso

Mas muitas nem se atrevem a compor
O texto que aparenta um bom vigor,
Com medo de que tragas o mau vezo
De achar que o mensageiro é mui perverso,
Dispondo com malícia cada verso.

Mas como vou dizer-te que não presto,
Falando de Jesus e da doutrina?
Se a rima que frequento pouco ensina,
Talvez exista além alguém honesto
Que possa examinar os versos feios
Em que se registraram meus anseios.

Do mesmo modo, a vida que tu levas
Não deve ser pautada pelos vícios:
Se queres receber só benefícios,
Afasta alguém dos males dessas trevas;
Ajuda o nosso irmão que te suplica
Que a rima dessa lida seja rica.

Se, pobre como eu, que te quer bem,
Estimas a poesia combalida,
Estende estes conceitos, dando à vida
A forma mais alegre, que contém
Os dons do amor, da luz e da virtude
E faze que o destino teu se mude.

Essencialmente, roga a Jesus Cristo
Que dê ao mundo todo essa alegria,
Fazendo com que forma da poesia
Não seja mais custosa do que isto:
Que cada irmão aceite e faça jus
Às bênçãos do Senhor, perdão e luz.

16. Mundo de expiação e provas

— *Jesus seja por todos os mortais!* —
Constantemente, rogo em minha prece;
E já meu coração se compadece
Dos sofrimentos tristes dos iguais,
Que a dor que se reparte e ao bem se ajusta
Reflete na poesia onde se incrusta.

Antigamente, tinha muito medo
De vir dispor em versos as ideias.
Pensava como um lobo: as alcateias
Exigem que os seus filhos, desde cedo,
Aprendam as lições pelos mais velhos,
Que é como aqui declamo os Evangelhos.

Agora, o responsável pela escrita
Não é somente o autor, mas quem o lê
Orienta o nobre assunto, no á-bê-cê,
Pois tenho de mostrar que o gajo dita,
Pensando em demonstrar a todo o povo
Que nada existe sob o Sol de novo.

A forma é que interessa, simplesmente,
Que o texto se equilibra pelo tema:
Se vem mui complicado este poema,
Não haverá, na Terra, quem aguento,
Pois dissecar não cabe a sã doutrina
Que Allan Kardec agora nos ensina.

Por isso é que me importa contemplar

O riso mais aberto da alegria.
Sem vezo para o enfeite da poesia,
Coloco este elefante no bazar
E deixo que ali quebre os utensílios
Que o bom do verso é vir com meus auxílios.

Para quem leu as trovas anteriores,
Parece que mudei aqui de rumo;
Mas, sobre o sentimento, é que me aprumo,
Conforme aprovação dos bons mentores,
Pois faço o meu trabalho no capricho,
Sabendo que dirão que tudo é lixo.

Mas tu deves seguir o teu caminho,
Segundo o coração te requerer:
A caravana passa e tem poder
De pôr atrás os cães em desalinho.
Caso a consciência acuse um certo mal,
Procura a justa causa natural.

Se for possível dar um tom mais forte
Ao texto que te induz a melhorar,
Por certo adentrarei teu nobre lar,
Medindo os riscos p'ra te dar a sorte
De compreenderes todas as noções,
Sem que te inquietes ante os maus sermões.

Sede, Jesus, por todos meus irmãos,
Pois vos respeitam dor e sacrifícios;
Aliviai dos maus os tristes vícios
E dai aos que trabalham vossas mãos.
Que a bênção do Senhor, harmoniosa,
Nos cubra deste amor que o vate glosa.

17. Sem medo de compor

Perpassa em minha mente antigo crime
E ponho-me a criar comparação,
Sabendo que os leitores pensarão
Que logo irei dizer que a dor redime,
Conforme esta poesia vem tristonha,
No aguardo de causar-me atroz vergonha.

Mas tudo quanto digo — está provado —
Não tem muita importância, se não sonho
Em demonstrar que o mal foi tão medonho,
Pois superior virtude é que arrecado
Dos textos que se dão à luz do mundo,
Por meio dum trovar muito fecundo.

Quem vem trazer mais fé, mais esperança,
Não pode desdizer pela palavra
Disposta sem rigor, em cada lavra,
Senão o benefício não se alcança
De iluminar a mente que acompanha
A luta que se trava, sem patranha.

Conduz a caridade o gajo à vida
Noutras esferas puras, mais além.
Por isso, em minhas rimas, se contém
A informação segura que convida
A todos que me leem a serem bons,
Enaltecendo o amor, em nobres sons.

Não fiquem, por favor, nos arredores

Das trovas que se furtam a exaltar
O dom dessa virtude popular
Que inibe a voz fanhosa dos piores;
Mas tentem ter amor às entrelinhas,
Que as rimas são perversas, vis, mesquinhas.

O mesmo é o que acontece quando o gajo
Não tem um só momento de sossego,
Às vezes, por sentir um forte apego
Aos pensamentos fúteis que encorajo,
Sem dar nenhum valor ao conteúdo
Que a forma esconde e deixa o vate mudo.

Pois a miséria é jugo permanente,
Enquanto a compreensão não se estimula.
A fome é triste e causa a rima chula,
Que ofende a quem não dá ouvido à gente.
Mas, se disser o vate que é melhor,
Alguém vai suspeitar que o sei de cor.

É claro que, uma vez, já reclamei
De estar sendo ferido em meu desejo.
Agora, essa injustiça não mais vejo,
Porque conheço os termos dessa lei:
O sofrimento é coisa do passado
E não repito mais o triste fado.

Por isso é que agradeço ao Pai a dor
Que me levou a ponderar, mui sério,
Que, para conseguir meu refrigerio,
Devia abrir em leque o meu amor
A todos que me deram seu apoio,
Para salvar o trigo e não o joio.

Jesus, aceita a prece do poeta,
Por pobre quanto seja esta poesia.
Tivesse inspiração, outra faria
De forma mais perfeita, mais direta,
Rogando pelas bênçãos do Senhor
Aos bons irmãos que leram meu louvor.

18. Um de cada vez

Nostálgico poema me estremece,
A ponto de elevar aos céus tal prece,
Pedindo, com Jesus, clemência ao Pai.
Se tenho de beber até as borras,
Preciso mais de ti, que me socorras,
Senão o verso meu, hostil, não sai.

E tu quem és que tens a face oculta,
Que não respondes mais minha consulta
E te recolhes nos refolhos d'alma?
Se és minha consciência temerosa,
Irás aparecer na minha glosa,
Porquanto, em teu respeito, a dor se acalma.

Assim, o meu poema se constrói,
Por muito que me julguem grande herói
Nas penas mais sofridas do passado.
Bem sei que o meu futuro é grandioso
Mas, no presente, é trágico este gozo,
Pois não refiz a trama do meu fado.

Devo pedir perdão a tanta gente
Que imaginei a forma mais urgente,
Ao resumir, na rima, os sentimentos.
O mestre não me deu seu alvará,
Dizendo que o problema, como está,
Não hei de contornar tantos tormentos.

De batelada o povo não se furta
Nem pode já tornar a pena curta,

Malícia doutros tempos cá na Terra.
A cada qual eu devo desculpar-me,
Até providenciar haja o desarme
De quem para a vingança mais se aferra.

A prece em que prometo melhoria
Há de caber inteira na poesia,
Mas o que eu faço é muito pessoal.
Se recomendo paz aos desafetos,
Não posso conceber sejam completos
Os tais conselhos próprios para o mal.

A sugestão que resta em cada verso
É que do Pai o amor pelo Universo
Se espraia em bênçãos de poder supremo.
Mas é preciso, sim, que cada qual
Progrida no sentido da moral,
Sabendo ver, na trova, que me algemo.

A liberdade é dom que se conquista,
Se a tal pessoa prima por benquista
De toda a gente, sem qualquer censura.
Recuperado o amor, como criança
Há de seguir com Deus, que o gajo avança
Ao ter a alma limpa, sã e pura.

Mas nem por isso a gente perde a prece,
Senão Jesus diria falsa a messe
Deste plantio de fé e de esperança.
Cristo Jesus, envia a todo o povo
A luz que irá mostrar o bem de novo,
Quando a felicidade, enfim, se alcança!

19. Meditando sobre o tempo

Não tenho tanto assunto, embora queira
Mostrar ao meu leitor que vivo ainda.
Na terra, esta doutrina é muito linda;
No etéreo, a mesma tese é corriqueira,
Que os mundos mais perfeitos se oferecem,
A cativar as almas dos que crescem.

Fazer o bem é sempre condição
P'ra merecer o gajo evoluir,
Sabendo, desde logo, que o porvir
Se deixa iluminar desta emoção
De se saber melhor porque trabalha,
Sem joeirar o campo da batalha.

Às vezes, ao rimar uns simples versos,
Parece muito fútil o colega.
É que o leitor não sabe em qual refrega
Se depurou o vício, pois diversos
São os caminhos que percorre a dor,
P'ra conduzir ao patamar do amor.

Se tens consciência justa do perigo
Do desperdício atroz de tua vida,
Aceita este versinho, que convida
A meditar nas leis junto comigo;
E põe de lado a dúvida que trazes,
Pois hás de ter na mão todos os ases.

Não penses muito apenas no futuro,
Porque depende do que tens agora.

O teu dever é sério e não demora
A vida a se esgotar. Eu te conjuro
A conhecer o sofrimento rude
De quem não segue as regras da virtude.

Se me disseres que o teu carma é triste,
Porque te falta a mão, o pé e a luz,
Vou te falar como falou Jesus,
Quando propôs que o povo, dedo em riste,
Fosse capaz de ver que os infelizes
Tiveram meios de evitar deslizes.

Não vale concluir, numa existência,
Que tudo é mau, é feio, é miserável.
É bom julgar que seja mais provável
Que os males venham pela providência
Que por ti mesmo, outrora, decidiste,
Antes que para a vida tu partiste.

O Espiritismo trata destes temas:
O meu empenho, então, é de somenos.
Mas, se julgares bons estes acenos
Para fugir das dores mais extremas,
Faze que o próximo te dê valor,
Porque caprichas quando vais compor.

Cristo Jesus anima os versos meus
Com o sorriso franco da pureza
E faze com que o gajo junto à mesa
Cresça em amor, ao ver que vem de Deus
Este poeta, cujo tempo acerta,
Para enfeixar a estrofe mais esperta.

20. Alegre com moderação

Não venhas trabalhar sem ter prazer:
Se o verso que transmito não te agrada;
Se ousas me dizer que quase nada
Te faz arrepiar, por não valer
O teu esforço perto desta mesa,
Então diga o porquê de tal franqueza.

Bem sei que o compromisso da impressão
É luta que atravessa o teu caminho;
Mas deves compreender que é de mansinho
Que os textos junto ao povo se darão,
À luz do pensamento de que existe
Algum valor maior, quando se insiste.

Se trago o meu desejo de vitória,
Porque perder não vejo nada bem,
Conduzo o meu leitor e a ti também,
Meu caro médium, pela minha história;
E peço a Jesus Cristo que me ampare,
P'ra que o meu povo todo o mal encare.

É certo ser difícil meu intento
De pôr mais calmo o gajo que me lê,
Quando a impressão de simples á-bê-cê
É o que te fica deste texto lento;
Mas que fazer se o meu cantar se esvai,
Antes de te propor a prece ao Pai?!...

Assim tudo acontece pela vida,
Se a gente pensa apenas no sucesso

E nada faz para ajudar no ingresso
Ao mundo de Kardec, em luz fruída,
Daqueles que o tormento incapacita,
Porque não têm prazer pela desdita.

Voltei ao primo tema lá de cima,
Que é triste quando o amigo desfalece;
Mas como vir dizer alegre a prece,
Se tudo é rude, é pobre em minha rima?
Então, vou dar-te um empurrão sensível,
Para elevar um pouco mais o nível.

Não é verdade que este amigo vate
Descreve, com rigor, o disparate,
Negando ser possível, neste verso,
O justo desempenho de quem prima
Em dar bem mais valor à simples rima,
Deixando em brumas o ideal imerso?

Não é visível todo aquele amor
E não preciso dele no exterior,
Porque não tenho que prestar tais contas.
Mas, como vim mostrar que tu te obrigas
À caridade, sempre que perigas,
Não posso te acusar de que me afrontas.

Se estás pensando agora no que disse
Este poeta insosso, em breve trova,
Faze com teu pendor a rima nova
Com que enaltecerás, sem fanfarrice,
A vida que o Senhor te deu de graça,
Pedindo muita luz, que a dor já passa.

21. A luta se justifica

Sustento que a poesia não demove
Quem queira refutar a inspiração,
Dizendo que esta trova espera em vão
Que o texto o nosso afeto bem comprove,
Por mais que o meu empenho se sublime,
Na produção do belo, em bom regime.

Elejo o melhor tema e dou de graça
A fórmula do amor que junta o povo.
Conquanto o gajo queira algo bem novo,
Vai repetir o texto sem trapaça
Que, antigamente, o prelo deu a lume
E não apenas por gentil costume.

O que acontece aqui é que a pessoa
Exige que a poesia seja boa,
No conteúdo doutrinário e tal...
Apenas o rimar termo com termo
Vai conduzir o coração ao ermo,
Na crença de que tudo atice o mal.

Por isso é bom falar dos bens celestes,
Dos anjos que desfraldam belas vestes,
Para atrair as lágrimas felizes
Daqueles que compreendem que, na vida,
A recompensa chega e nos convida
A partilhar os dons das diretrizes.

Quem sem grandeza fere as cordas toscas,
Desafinando os tons, em cores foscas,

No quadro incompatível do imperfeito,
Vai ser logo acusado, sem defesa
Que possa oferecer junto a esta mesa,
Dum modo como eu mesmo não aceito.

Mas tenho de compor porque me obrigo
A vir correr um risco, sem abrigo,
Que a chuva cai a cântaros e afoga
As dúvidas que trago ao meu leitor,
Pois é tão fraca a trova e inferior
Que tu hás de chamá-la, assim, de *droga*...

— *Por que tanto desprezo pelo verso?
Será que tudo existe assim perverso,
No coração da gente que te escreve,
Sem uma só menção aos benefícios
De quem já sufocou os tristes vícios,
Não sendo já capaz de um texto leve?*

Não posso prometer mas vou cumprir,
Em cada verso meu, o tal porvir,
Pois é chegada a hora das ações.
Se a tal virtude falha e compromete,
De que me serve a glória do confete
Que vem p'ra enaltecer os corações?!...

As vezes em que dito um texto triste
Ocorrem bem frequentes, como viste,
Ó caro companheiro que me lê.
Por isso, vou pedir que Jesus Cristo
Perdoe quem comigo (agora insisto)
Está sempre de acordo nos porquês...

22. Por ti e por mim

Roteiro obrigatório da poesia,
Eu devo estimular o teu amor,
Fazendo com que vejas que o compor
O povo todo em armas manteria,
Para atacar os males que os teus vícios
Iriam transformar em desperdícios.

Se sofres muito a lamentar a vida,
Não vais sentir crescer o teu valor.
Para que serve o bem superior,
Se tu não vês que o dom se consolida
No entendimento puro dessa lei
Que obriga o gajo a vir dizer: — *Errei* — ?...

Cada coisinha à-toa que acontece
Exige um pensamento refletido,
Pois tudo sempre tem o seu sentido
Na lei de causa e efeito, pois a messe
Apenas se consegue após plantio;
E o galardão se dá a quem tem brio.

Não posso oferecer as soluções
Que tu desejarias conseguir
Para teres certeza do porvir,
Soltando, antes do tempo, os teus rojões,
Pois festejar a glória de estar bem
Há de passar da vida um pouco além.

Um mundo inferior não traz ao gajo
Apenas alegrias, sem trabalho.

O esforço que se faz eu amealho
E ponho em versos sempre, pois reajo
De acordo com as leis universais,
No aguardo de aprender um pouco mais.

Também o meu amigo que presumo
Esteja muito atento ao verso meu
Irá compor a trova, pois valeu
Esta leitura para o seu consumo
Das teses que este vate hoje descreve
De modo mui sutil, conquanto leve.

— *E como reagir de forma plena
P'ra conquistar a paz que se promete
A quantos não aceitem vil confete,
Mas fazem seu melhor conforme a pena
Que têm para cumprir, neste envoltório
De natural princípio transitório?!...*

Erguendo a Jesus Cristo a tua prece,
Agradecendo a dor que se oferece
Para provar que tens tuas virtudes,
Pois, se carregas cruz de muito peso,
Suportarás saber que tens o vezo
De provocar alheias inquietudes.

Senhor, faze de mim um cireneu,
Poeta que auxilia o companheiro;
E aceita este pedido, pois requeiro
Alívio ao sofrimento que se ergueu
Como barreira triste e sem valor
Ao pobre que não crê no teu amor.

23. O mal maior

Não quero oferecer nada de mau
Que possa provocar o teu revide.
Caso o leitor do meu candor duvide,
É justo que se espere desça o pau
No meu bestunto pobre, cuja rima
Não causa entusiasmo nem anima.

É tão grosseiro o verso e rude a trova
Que duvidar permite do poeta.
Se fosse mais perfeita e mais completa,
Iria o vate ressurgir da prova,
Qual fênix que das cinzas alça voo,
Depois de ser tostada — e eu enjojo...

*— Por que não faço um verso mais piedoso,
Reconhecendo as falhas que pratico
Naturalmente, pois, se o mal indico,
Caminho na poesia sem um gozo,
Preocupado, sim, com os meus erros,
Não vendo tanta gente em seus desterros?*

É certo que o egoísmo, quando ecoa,
Demonstra ao coração um mal desperto,
Podendo o gajo prevenir, esperto,
A hora do suplício que magoa,
Ainda mais se o verso condiciona
O pensamento triste e desabona...

Ao vir falar de mim, é justo cales
O teu desejo grande de sorrir,

Pois tudo quanto sonhes no porvir
Irás lembrar as dores destes males,
Ainda mais porque te peço faças
As tuas trovas com maiores graças.

É permanente este registro agora,
Por assentar no cérebro o meu vício.
Se tudo o que escrevesse em benefício
Das leis do amor, que junto aos bons vigora,
Não acusasse os crimes e os autores,
Iria serenar os meus leitores.

Mas devo perturbar quem vive em paz,
Caso não fique atento à dor alheia;
E tenho de dizer a quem receia
Expor-se ao mundo torpe, vil, falaz,
Que os seus pedidos não vão ter respostas,
Enquanto tu, colega, te desgostas.

Sempre a verdade traz um compromisso
Que rejeitar não pode um só da turma.
No etéreo, a luta impede que se durma,
Enquanto o gajo não desfaz o enguiço.
Se tu não tens o coração tranquilo,
Apela para a prece, em teu asilo:

— *Senhor, faze de mim um servo atento
À causa do meu próximo e me inspira,
Para que o meu trabalho se transfira
Completamente, até lhe dar alento
Longe de mim, pois devo vir de novo
P'ra partilhar da condição do povo.*

24. Final feliz

Querido Companheiro, vou-me embora,
Pois disse tudo quanto pretendia.
Não sei se consideras ser poesia
Os textos que compus, se o verso gora,
Mas foi um bom trabalho de pesquisa,
Com *instrução e amor* como divisa.

Nem sempre se alinhou a melhor rima;
Nem sempre o pensamento foi bonito;
Às vezes, o leitor ficou aflito;
Às vezes, muito poucas, se sublima
O desespero d'alma aberta à dor,
Que é raro, neste caso, um bom compor.

Não posso, aqui, porém, fazer juízo
Das trovas, pois tu julgas diferente:
O meu saber se prende, infelizmente,
Às rudes conferências que preciso
Ouvir e decorar, pois sou mui pobre
Das tais virtudes que te deixam nobre.

Pedir perdão não vou, pois bem já sei
Que tens o coração bondoso, Amigo.
Por isso, se caminhas mais comigo,
Irás cumprir os tópicos da lei,
Rogando a Jesus Cristo doce bênção,
Que os vates cá do além os males vençam.

Não quero prometer algo impossível.
É fácil, entretanto, imaginar

Que o gajo que vier, em meu lugar,
Irá pôr os seus versos noutro nível,
Mais perto dos produtos superiores
Que exigem desta esfera os bons leitores.

Apenas vou dizer que a tal modéstia
Que sempre demonstrei, em cada verso,
Encerra um pouco mais deste universo,
Embora suas luzes, simples réstia,
Também tenham surgido em cada canto,
Fruto da dor que o rosto lava em pranto.

Se foi alegre um verso aqui e ali,
Por certo ri de mim, de meus problemas,
Que as soluções que dei, por muito extremas,
Se punham tão distantes que senti
Os ecos destes sons, simples revérbero,
Às portas infernais que guarda Cérbero.

Com tais rimas tronchudas do estribilho
Com que a sextilha acima se encerrou,
Eu posso vir dizer que dei meu *show*,
Que pouco mais aguento sem teu brilho,
Porquanto espero em ânsias que me leias,
P'ra descobrir que queres mesmo as feias.

— *Perdão, meu Pai, por tempo tão mal gasto!*
Espero que bem poucos tenham vindo
Até este final, mas tu, tão lindo,
Irás providenciar melhor repasto
Ao caro irmão que teve tal coragem
De vir comigo em toda esta viagem.

Assim é que eu clamava, com razão,
Que o verso que compus, não fora em vão,
Ao menos p'ra saudar o meu leitor.
Jesus, pede por nós a Deus a bênção
A quantos sofredores se convençam
De teu carinho, graça, paz e amor...

CARLOS

1. Como vai você, caro amigo?

Não posso convencer o meu leitor
De que tudo o que faço é superior,
Se deixo por escrito cada rima.
Por isso, vou pedir tão simplesmente
Que o gajo que me lê a dor aguente
E limpe o coração, que o bem se estima.

Atesto, com meu verso, que esse bem
Virá, quando estiver você também
No aguardo de ditar sua poesia,
Que é tudo quanto posso vir dizer,
Enquanto me for dado este poder
De relatar a vida em harmonia.

Não quero aborrecê-lo com mumunha,
Porquanto irá dizer: — *Eu não supunha
Que fosse a rima ardil p'ra me enganar.*
É que o controle exato da engrenagem
Afeta (e como afeta!) esta mensagem:
Forma e contexto sempre no lugar.

P'ra começar com calma, é que me atrevo
A dar a mim a obrigação do enlevo,
Embora saiba muito bem que a luz
Se esparge na doutrina, desde cedo,
Não tendo Allan Kardec um só segredo,
Na cópia dos ensinios de Jesus.

O método é bem simples: é com prece
Que o bem do amor a vida favorece

E põe meu coração ao seu dispor.
Cative este poeta e faça tudo
Para entender a forma e o conteúdo,
Obrando com desvelo superior.

Quando eu descanso das mais rudes lides,
Passo a compor os versos dos revides,
No entendimento justo do castigo,
Que a hora é muito boa e já medito
O quanto este meu tempo foi bendito,
Ainda mais se está você comigo.

O pensamento basta p'ra chamar
Qualquer autor, para surtir no lar,
Quando se lê a trova que compôs.
Espero em Deus que muita gente ainda
Venha a julgar a rima rica e linda,
Sem desejar jamais ser meu algoz.

Peço perdão ao povo que me lê,
Dizendo ser tão fácil o á-bê-cê,
Pois bem melhor um texto aqui faria.
Eu acredito nisso mas, tristonho,
Devo afirmar que, sempre que componho,
Preciso suspeitar dessa poesia.

O sentimento que se põe no verso
É tão profundo, natural, diverso,
Que as luzes destas rimas se afiguram
Apenas lampiões em meio às trevas,
Onde gritando estão do mal asavas
Dos infelizes que na dor perduram.

Eu peço a Jesus Cristo que me ponha,
Na inteligência, rima assim risonha,
Conforme a descrevi na estrofe acima,
Porque na escuridão se sofre mais
E as luzes que entrevi são naturais,
Aqueles que este amor goza e sublima.

Carlos.

2. Reflexões poéticas

Roteiro que componho para o verso
Não traz o compromisso do perfeito,
Mas toda sugestão ao bem aceito,
Que o verso e não o autor é que é perverso.
Por isso, vou mudar a minha rima,
Dispondo doutra forma a nobre estima.

Sextilhas são o meio mais comum
De dar ao povo que me lê notícia
De quanto aqui se passa sem malícia,
Que agora, por vergonha, sou mais um
Que não me atrevo a vir pedir consolo,
Que o verso sai sozinho ao vir dispô-lo.

É tanta esta escansão e pouco o mérito
Que a gente até parece duvidar
Que tudo se organiza no lugar,
Que não se deverá abrir inquérito,
Pois condenado estou assim, *de cara*,
Se o meu leitor com tramas se depara.

Eu recomendo sempre ao meu amigo
Que busque recordar, sem vil temor
De oferecer ao coração mais dor,
Se alguma vez já se encontrou comigo,
Nas ondas desta frase cadenciada
Por um processo tal que muito agrada.

Por certo, é com frequência que você

Se põe de prontidão contra o meu metro;
Mas não tenho na mão o rico cetro
Dos príncipes poetas, como vê,
E dou de mim bem mais do que disponho,
Para fazer um verso assim medonho.

Mas tudo vem mui rápido e carente
E passo dessa forma ao meu compadre;
Pois não pretendo ouvir um cão que ladre,
Que a caravana segue lentamente,
Pondo de lado os prismas da virtude,
Que para tal chegar urge que mude.

Não é mui respeitável o sistema,
Se o gajo não compreende que meu verso
Abrange muito além deste universo,
E tudo quer que o cérebro retrema,
Na aspiração de ver que Deus se mostra,
Se o sentimento, enfim, em dor, se prostra.

O Pai ama a seus filhos se, contentes,
Sorriem mais felizes, mais perfeitos,
Sem lágrimas sentidas, quando, eleitos,
Percebem que o Senhor, sendo tementes,
Aprova a sua luta contra os vícios,
Favorecendo dons e benefícios.

Estimo, plenamente, que esta trova
Atinja a condição que dela exige
O meu leitor querido, que transige
E não quer ver se o texto se renova,
Mas simplesmente aguarda as diretrizes,
P'ra fomentar o amor desde as raízes.

É como eu vejo a prece que termina
A derradeira parte da poesia,
Pois seriedade é dom que sempre alia
O sentimento justo que carmina
O rosto que se inflama de calor,
Ao vir pedir as bênçãos ao Senhor.

3. Desejando ser feliz

Estou muito à vontade p'ra escrever,
Pois sei que o meu leitor tem o dever
De restaurar o tema que me traz,
Ao cotejar co'a vida que mantém
Imersa na virtude, vendo o bem,
A caridade, o amor, a luz e a paz.

A lista desses dons não sei dizer
Se pode o bom amigo compreender
Que deve perseguir a cada hora.
Mas posso enaltecer o bem maior
Das bênçãos de Jesus, que sei de cor,
Em seu padrão que nutre e que melhora.

Não posso, todavia, oferecer
A solução de tudo, que o poder
Está em suas mãos, meu nobre amigo.
O uso da palavra não penhora
Mas o meu tema é dom que já vigora,
Enquanto o coração bater comigo.

Não sei se fui bem claro na poesia
Mas outra apresentar eu poderia
Que o tempo que disponho é infinito.
Você é que tem prazos p'ra cumprir,
Pois logo o seu destino, o devenir,
Assume a tal velhice e alteia o grito.

Caso a mistura das palavras ponha,

Em sua mente, o risco da peçonha,
Porquanto estou a recitar sem luz,
Faça uma prece e entoe um belo hino,
Pedindo ao Pai um rumo, que amofino
E levo eu mesmo o peso desta cruz.

Os gajos cá do etéreo se habituam
A ver se os seus desejos continuam
A produzir uns focos de respeito.
Então, vêm declarar que estão perdidos,
Nas mãos de criminosos e bandidos,
Conforme eu mesmo assumo, contrafeito.

Pensar na evolução alheia é bom
P'ra demonstrar ao povo um nobre dom,
Porém, não vale apenas cogitar:
Preciso que haja sangue em suas veias,
Para espantar da mente as coisas feias
E pôr os pensamentos no lugar.

O coração que bate junto ao meu
Não pode reclamar que o cireneu
Aliviou a carga de Jesus;
E o *cara* que declama uns rudes versos
Não dá u'a mãozinha, pois dispersos
Se encontram os irmãos que o bem conduz.

Penso que esclareci completamente
O assunto que me trouxe mui descrente
De que meu verso iria ter um fim.
Se o pensamento treme já na base,
Se nada está perfeito nesta fase,
Um dia vão orar também por mim.

Eu antecipo, então, a sua prece
E peço a Jesus Cristo que esta messe
Dos versos que plantei tragam proveito
Ao meu gentil leitor, o qual se atreve
A me dizer que a trova está mais leve,
Porque bem compreendeu que a dor aceito.

4. Não sejam os versos apenas sons

Castigo cada verso que apresento:
Se o resultado é pobre, mais me animo,
Porque bem sei que tenho o seu arrimo,
Para que a folha não me leve o vento,
Que o bem que despertarem simples rimas
Vai ter o mérito das obras-primas.

Também você, meu caro irmão, reflita
Que o seu trabalho erige um monumento,
Se se evitar com ele um sofrimento
De qualquer um que tenha a alma aflita:
O benefício serve sem censura,
Se a busca que promove é de uma cura.

Qualquer que seja, então, o seu valor,
O dom de amar destaca o compromisso
De se fazer melhor e com mais viço
Cada pequeno afã, caso inferior
Se sinta o bom amigo na expressão
Com que dá reconforto ao seu irmão.

É claro que, se o verso for mais belo,
Terá repercussão e vai ser lido
Por muita gente mais, mas eu duvido
Que seja por prazer de um som singelo,
Que o povo gosta mesmo é de poder
Sentir, dentro do peito, bem-querer.

Por isso é que me animo e distribuo

Tantos sorrisos pela trova minha,
Não pela graça, pois o dom não tinha,
Enquanto vivo e como continuo.
Mas eu sorrio, sim, e vejo, alegre,
Que surte efeito o som, sem que se integre.

Modéstia à parte, vou considerar
Que tenho propensão para a poesia.
Por certo, muita gente aqui faria
Algo muito melhor, em meu lugar,
Com o seu pensamento alinhavado,
No bom sentido e a favor do fado.

Mas coube a mim dispor, junto a esta mesa,
As tais lições que já aprendi no etéreo,
Pois muito pouco herdei do cemitério
Das ilusões carnavais de que a beleza
É sempre o fulcro de qualquer poema,
Que a dor e o amor se veem de forma extrema.

Aqui, nestas paragens de harmonia,
Os mestres só requerem que haja paz:
Por mais que sofra a moça ou o rapaz,
Precisam controlar a fantasia,
Enaltecendo o bem que se depura,
A cada instante, nesta fé segura.

Meu bom amigo, estime a sua vida
E contribua com um pouco mais,
Que a caridade é dom que mal não faz
Ao coração que estua e que convida
A ser perseverante na doutrina
Que o Espiritismo prega e a morte ensina.

Peço a Jesus perdão, pois, atrevido,
Pretendo estimular a reação
De quem jamais lhe disse um simples *não*
E a quem meus versos não detêm sentido.
A bênção rogo, em prece compungida,
Pois posso presumir que seja ouvida.

5. O que se aprende se aplica

Preciso condensar minhas ideias,
Se quero um verso lúcido e oportuno.
No etéreo, não sou mestre mas aluno,
O mais discreto nestas assembleias
Em que são discutidas as virtudes,
Para mudar as almas muito rudes.

Aí, o meu leitor há de dizer
Que o verso é o desmentido do que digo,
Querendo até brigar muito comigo,
Porque não tem em si o tal poder
De registrar, em trova, um bom assunto,
Que traz interessado o seu bestunto.

Eu vou contar agora uma historinha
Para explicar por que sou bom no verso:
É que treinei bastante, estando imerso,
A vida inteira, numa mesma linha
De feitos mui pomposos, literários,
Ao publicar meus textos temerários.

Em terra de ceguinhos, quem tem olho,
Que seja apenas um, para enxergar,
Vai conduzir o povo devagar,
Sem encontrar, na via, um só abrolho,
O qual ferir pudesse os companheiros,
Nem vai deixar que caiam nos bueiros.

Quando ler esta lauda tão fraquinha,

Querendo o seu autor dar importância
A tudo quanto escreve com ganância,
Que a intenção não seja mui mesquinha:
O meu amigo pode até sorrir;
Mas deve prevenir-se p'ro porvir.

E como há de fazer para evitar
Os males de escrever sem ter treinado?
É justo que se esmere, de seu lado,
Mas deve ler quem seja popular,
P'ra não fazer do texto mau pasticho;
Nem deve contentar-se com meu lixo.

Existem bons poetas cá da terra
Que sabem solfejar mui belas rimas,
Daquelas importantes, as opimas,
A ponto de ofender, que a gente berra,
Se não entende a fala do sujeito,
Pensando não na causa e sim no efeito.

Agora que transpus o meu modelo
P'ra nobre condição dos bons preceitos,
Escolha, bom amigo, e torne eleitos
Uns santos que, na vida, em doce zelo,
Fizeram sacrifícios pelo povo,
Jurando repetir tudo de novo.

É como o verso meu cá se apresenta,
Não tanto pela forma que se doa,
Sem se ofender, se a coisa vem à toa,
Mas quanto ao conteúdo, que aparenta
Ser novidade sempre, pois recrio
Meu universo, que se põe num fio.

Assim, nestas alturas, ponho tento
Que a prece se faz tarda e tenho em vista
Apenas realizar uma conquista,
A décima jornada, em que o talento
Agradeço em louvor e peço luz,
Bênçãos e paz ao Pai. — Graças, Jesus!

6. Resposta a uma injustiça

Encolho o texto meu e peço ajuda
Ao mestre, que me traz cá na coleira,
Não tanto porque muito o gajo queira,
Mas é que nada sai, se não se estuda
O metro da virtude peregrina,
Que a lei das conseqüências nos ensina.

Em vida, as minhas sombras me diziam
Que estava em permanente rebuliço.
No etéreo, o meu quimérico serviço
Me mostra o quanto as dores me agoniam,
Pois tento demonstrar e não consigo
Que é belo o pensamento a que me obrigo.

Apenas um aviso fica claro
No texto, que componho de improviso:
É que, se não se tem melhor juízo,
O verso com sentido se faz raro
E a gente, ao repensar o devenir,
Percebe que o melhor é concluir.

Pretendo vir com rimas desusadas
Mas vejo que repito, unicamente,
Os sons com que formei a minha mente,
Escudos p'ra enfrentar cruéis espadas,
Que o povo não perdoa, se entrevê
Que existe hesitação dentro em você.

Aí, a construção mais literária

Também se incrusta, sem qualquer rigor,
E o ato de ensinar, ao vir transpor
Os elementos métricos do pária,
Se dissemina pela trova tarda
E o gajo o fim esquece e não resguarda.

“Preciso pôr mais luz em cada verso!”,
Pensa o poeta, triste pela rima,
Sabendo, embora, que o amor sublima
O que possa escrever de mais perverso,
Por vir preocupado co’ a malícia
Que os maus põem na mente, sem polícia.

Também hão de dizer que tal cuidado
Demonstra ser o gajo inferior,
Por mais que tente dar do seu amor,
Se bem que com modéstia e com agrado,
Porquanto os raciocínios dos humanos
São meros sentimentos, vis enganos.

O médium se conforma co’ o estribilho,
Mas vai ouvir dos outros que claudica;
Que a rima cá do etéreo, em sendo rica,
Não pode traduzir-se sem rebrilho,
Com resultado fosco, chato, informe;
Que o nosso amigo escreve enquanto dorme.

Não posso concordar, no coração,
Com o roteiro injusto dessa crítica.
Bem sei que, na doutrina, essa política
Evita que se dê malversação
De muitas oferendas de virtude,
Pois pensa-se no mal de que alguém mude.

Mas é preciso respeitar o etéreo,
Ainda que bem fraca esta mensagem.
Ocorre que espíritos reagem
De modo desigual, mas sempre sério,
Quando o animismo é dado como engodo
Deste escrevente, o qual produz a rodo.

7. Vontade e criação

Retiro o que disser, se me provarem
Que tenho errado muito em meus conceitos.
Não somos escolhidos nem eleitos,
Por isso é bom que todos se preparem
P'ra receber as leis de supetão,
Pois todos pelos crivos passarão.

Eu argumento, é certo, com malícia,
Pois tudo digo sempre conhecer,
Mas indiretamente, que o dever
Me obriga a agir aqui com tal blandícia
Que devo disfarçar a dor que sinto,
Sem nunca demonstrar p'ro mal instinto.

— *Blasfêmia!* — hão de dizer os que se enjoam
De tanta sordidez, nas entrelinhas.
Mas devo afiançar que não são minhas,
Porquanto as rimas simplesmente soam
Nas vozes conturbadas dos terrenos,
Que ficam a embalar sonhos amenos.

São rudes os bons versos cá do etéreo;
Precisos, nos conceitos destas leis,
Embora nunca passem já de seis,
A cada estrofe estranha e com mistério,
Que a rima eu ponho embaixo do que faço
E deixo p'ra depois meu forte abraço.

Ninguém há de entender o meu assunto,

Se me julgar também doido varrido:
Vai ter de imaginar — o que eu duvido —
Que sou bastante bom, nobre bestunto,
A elaborar as trovas num repente,
Para o resgate deste ser que sente.

Se o gajo que me lê tem seus critérios
Para aprovar as trovas que lhe passo,
Não vai ter bom sucesso mas fracasso,
Se pensa que pratico os ministérios
Do amor e do perdão, em cada linha,
Pois tudo se resume em vil *caninha*.

Mas, figuradamente, eu falo assim,
Porquanto perturbado não estou.
O povo que me entende, neste *show*,
É que pode gostar bem mais de mim,
Que o bom é construir o seu palácio,
Com base no progresso do pancrácio.

Por isso, ao se encerrar o meu trabalho,
Pretendo evoluir mais um pouquinho,
Pois acho que me encontro no caminho,
Ao lado de quem nunca se viu falho,
Porquanto alcança sempre compreender
Qual é o bom sentido do dever.

Jesus há de aplaudir quem desafia
Os sacrifícios todos da consciência,
Sabendo praticar benemerência,
Até ao recitar esta poesia,
Que o bloco dos poetas vem à rua,
Enquanto a vida é prene e o bem estua.

Senhor, quero pedir-vos que me aceitem
Os meus amigos todos, algum dia.
Por isso, dai mais luz e melodia,
Que eu possa transformar, que se deleitem,
Os bons leitores, quando, em comoção,
Sentirem que os meus versos bons estão.

8. Em branco e preto

Retratos seis por dez, em cada estrofe,
Procuro refletir um sentimento.
Talvez não tenha fé, porém, me aguento,
A ver se não estrago o estrogonofe.
Por não ter bofes para os tais gracejos,
Os versos vêm pesados, malfazejos.

Jesus desceu da cruz, em linho cru,
E foi posto no chão, sem importância.
Será que tal retrato ofende a ânsia
De respeitar os mortos sem baú?...
Ou vale o seu espírito divino,
Que sobre nós se põe em lindo ensino?...

Maria, a mãe do Cristo, está presente,
Quando se reza a prece de seu filho?
Virá para ajudar, neste estribilho,
Ou muito o coração já se ressentido,
Porquanto a trova é pálida e sem vida
E deste meu amor também dúvida?...

José, peço perdão se te ofender,
Mas não posso aceitar que estejas longe.
Na cela do convento, reza um monge,
Pensando em só cumprir o seu dever,
Que o pai de Jesus Cristo cá na terra
Estende a sua mão para quem erra.

Tomé queria ver, sentir, cheirar,
Pois o sensório tinha por normal.
Mas era bem capaz dum ideal,
Na busca de entender ser exemplar
A vida de seu mestre e confessor,
Que achava ter morrido por amor.

Ressuscitar seria mui ruim
P'ra quem viver não tinha já valor,
Porquanto o texto sábio, superior,
Não era o que esperava mesmo assim;
E punha as suas dúvidas em tudo:
Na forma e, mais, também no conteúdo.

João se pôs em choro convulsivo,
Querendo restaurar o seu passado:
Não mais andava o Mestre do seu lado,
Mas ele imaginava que, bem vivo,
Corria toda a esfera conhecida,
Ressuscitado e pronto para a vida.

Foi Paulo quem passou a ideia tola
De ser bem mais feliz quem sacrifica
A vida dos parentes e mais rica
A curtição do amor, ao vir compô-la,
Estando a meditar lá no deserto,
Dizendo estar do céu muito mais perto.

Quem comprovar os quadros que montei,
Ao aceitar as trovas por piedade,
Vai encontrar um texto que lhe agrada,
Um só, que o compromisso está na lei
Do bem a que se obriga quem não falha,

Sem permitir, na fé, fogo de palha.

Eu vou abrir na trova uma exceção,
Fazendo um verso fértil, oportuno,
P'ra demonstrar que o gajo, como aluno,
Vai querer dos leitores a visão
Do Cristo Redentor, que se apresenta,
Nesta doutrina pura, e me acalenta.

9. Orientação por tabela

Retrato mais um pouco e já termino,
Para explicar que sou quem aparece
Nas fotos de terceiros, pobre messe,
Deste plantio que faço, em rude ensino,
Costume de exaltar, sem justo inquérito,
O feito de compor por próprio mérito.

Na vida que passei tão distraído,
Não fui o mesmo que demonstro agora:
Nos versos de hoje em dia, já vigora
O luxo de expressões co'algum sentido.
Na correria impressa antigamente,
Os dons do amor o gajo só desmente.

Embatucava o verso controlado?
Deixava a rima branca em descompasso;
Buscava uma palavra no regaço,
Reminiscências só, sempre de agrado
Do meu leitor, porquanto ele comprava,
Mas tendo a mente sempre minha escrava.

Tomo cuidado, agora, co'a virtude
E menosprezo a trova em si tacanha:
Se o meu leitor, nos íntimos, se assanha,
Não posso concordar; quero que mude,
Para pensar no fundo e não na forma,
Pois tal é deste plano a rija norma.

Não vou perder os hábitos melhores:

Vou pô-los a serviço dos meus versos,
Porquanto sei que são mais controversos
No âmbito da mente e derredores
Do espírito que habita cá no etéreo;
E não do ser humano, alegre ou sério.

Precisa seja bom o companheiro
Que quer desenvolver-se na doutrina.
Kardec é quem discute e nos ensina
As normas que lhe exponho e que requeiro
Para seguir avante na leitura,
Senão seu entusiasmo não perdura.

E qual é a maior, a mais exata,
Para cumprir as metas desde logo?
É justamente o ponto que interrogo
A quem quer assentar depressa a data:
Se for a caridade do perdão,
Aí entendo o gajo e estendo a mão.

Se for simples auxílio, sem vigor,
Se o coração não tem qualquer certeza,
Qualquer que possa ser minha proeza,
Bem pouco me dará o tal, valor:
Ao menos, numa prece comovida,
As forças siderais a fé convida.

Da mesma forma, o vate se apresenta,
Desconfiando um pouco do que diz,
Sabendo que seu povo está feliz,
Mas ele mesmo a dor não afugenta,
E muito se amesquinha co'a consciência
De que não praticou benemerência.

Jesus, sede por nós, os sofredores,
E dai a cada qual um lenitivo,
Esteja o gajo morto ou mesmo vivo,
Pois vamos arrostar vis dissabores:
Precisa desperteis a nossa fé,
Para saber que o Pai por todos é.

10. Enfastiado?

Alcanço a compreensão desta doutrina,
Porém, somente o fiz estando aqui.
Na Terra, em todo o tempo em que vivi,
Apenas desejava a vitamina
Das hóstias consagradas pela igreja,
Regadas, logo após, pela cerveja.

Dizia que era muito religioso,
Que tinha medo grande pelo inferno,
Sabendo muito bem, no mundo interno,
Que tudo produzia para o gozo,
Deixando p'ra depois os tais tormentos,
Porque flanava em prol dos sentimentos.

Não sei se descrevi o meu descrédito
Nas falas dos pastores das ovelhas,
Pois era como via tão parelhas
As teses doutriniais, mas não inédito
Sentido punha em meus rompantes d'alma,
O que me aflige agora e o mal espalma.

O texto que produzo é tão malevo,
Fluente da fluência dos matreiros,
Que podem me enxergar entre os primeiros,
Que a dor desta consciência não relevo,
Porque, p'ra meu prazer, tenho sossego,
Se venho dar ao sonho um bom emprego.

Consciente destas rimas que me imponho,

Não me envergonho nunca por tão feias,
Na relação que entrego, sem mancheias
E sem semblante franco nem risonho;
Apenas comprometo-me co' a turma,
Ao permitir que o grupo sempre durma.

Não quero esmorecer na caminhada,
Que, às vezes, quanto faço é quase nada,
Perante os desempenhos dos mentores.
Mas, como ser feliz fazendo versos,
Se todos me parecem tão perversos,
Ao descrever os males destas dores?...

Mudei de rumo e de figura e vejo
Que a trova vem p'ra comprovar que estudo,
Não tanto pela forma, que não mudo,
No que contém o prisma em realejo,
Que a criação da rima é jogo sujo,
Mistura de noções: o dito-cujo.

Alguém vai suspeitar que estou confuso,
Que não posso dançar conforme o tom,
Porque não me propus um ente bom,
Pois venho com versinhos onde abuso
Deste perdão que peço ao meu amigo,
Seguindo na jornada aqui comigo.

Não vim para assustá-lo, meu leitor,
Também não vou deixar, seja o que for
Que possa perturbar-me aqui no fim,
De retratar o seu descaso além,
Caso a promessa de Jesus também
Ao coração se mostre mui ruim.

Muito agradeço a Deus este trabalho,
Que sei que não fiz bem, pois me atrapalho
Co'os sentimentos de meu tosco ser.
De qualquer jeito, tenho por parceiro
Exatamente aquele que requeiro,
A quem eu passo a bola e o bom dever.

11. Abrindo o jogo

Retive este meu dom de versejar
E ponho disponível para os temas
Que os mestres nos apontam por problemas
Com solução nem sempre regular,
Que os textos mais se aprumam pela forma,
Que constitui, no etéreo, dura norma.

Assim, se tento um termo um pouco estranho,
Que não demonstre a ideia exatamente,
Vou ter de formular outra vertente
Para o entusiasmo meu, porquanto arranho,
Nos toques destas unhas mais compridas,
As entranhas perfeitas das jazidas.

Não pense o meu leitor que assim reclamo
De não ter liberdade p'ra poesia.
Reclamo, sim, de haver, por outra via,
Servido com desleixo a um pobre amo,
A ponto de lucrar no desperdício,
Que a imagem, no poeta, é mesmo um vício.

O meu fator de segurança aqui
É demonstrar que tudo o que senti,
Durante o meu encarne venturoso,
Vai ser aproveitado, com certeza,
Porquanto cá não venho para a mesa,
Sem propiciar ao povo um nobre gozo.

E qual é esse gozo, finalmente,

Se tudo quanto faço é tão premente,
No tempo que disponho tão pequeno?
Está no meu leitor toda a alegria,
Pois outra o mesmo tema não daria,
Variável deste verso, sem co-seno.

Não disse que outro jeito poderia
Causar, no meu leitor, tal ojeriza,
Ao rejeitar de vez quem cristaliza
Um modo diferente de poesia?
Então, volto aos assuntos mais amenos,
Virtudes que se explicam de somenos.

Um mais arguto amigo há de notar
Que todos os assuntos aqui cabem:
Os gajos a escrever é que não sabem
Como fazer a rima se adequar,
Talvez não tanto pela forma antiga,
Mas por não terem paz que ao bem obriga.

Também não posso mais pôr-me no fogo
Destas acusações sempre mui sérias.
Na Terra é que gerei graves misérias,
Pois, rico, não ouvia qualquer rogo,
Por mais que o sofredor erguesse as mãos:
Tocava o meu tambor aos gritos vãos.

Escrevo qualquer coisa a revelar
Os males que causei junto ao meu lar,
Pois infiel eu fui e, mais ainda,
Traí a confiança dos meus pais,
Os filhos eu tratei como animais:
Como fazer agora a trova linda?

— Pedindo a Jesus Cristo me perdoe,
A prometer que a rima já ressoe,
A fomentar alheias contrições,
Pois não viria aqui mui simplesmente
Para pedir amor a toda a gente,
Mas para reprimir vis emoções.

12. Para cumprir tabela

Não ergo mais a taça para um brinde,
Sem que contenha apenas leve chá,
Pois tudo o que eu bebi não contará
No meu contrato, já que a dor rescinde
Os compromissos cármicos da vida
Que levo, cá no etéreo, estrangida.

Não pus nos versos todas as virtudes
Nem quero lhes causar as inquietudes
De quem se perturbou quando na Terra.
É lógico e normal que tenho impresso
No coração o molde do progresso,
Do mesmo modo de quem muito erra.

Não vejo diferenças muito sérias
Entre os pecados, mas nas rudes mentes
Dos que se afogam nas razões candentes
Com que desculpam todas as misérias,
Porque me ateno ao fundo e não à forma,
Segundo já lhes disse: é rija a norma.

Preciso desmentir, se lhes parece
Que dito co'emoção a minha prece,
Lá no final da trova que componho.
Eu faço o que é possível com a rima
Para alcançar do meu leitor estima,
Embora seja o verso tão bisonho.

Não deprecio o tema, mesmo assim,
E dou o mais que tenho dentro em mim
Dos meus recursos, ao compor o verso.
Se tudo lhes parece tão igual,
Ao menos não me julguem pelo mal
De me atrever a dar-lhes o universo.

É que, ao compor a trova que se forma,
Se contiver das escansões a norma,
Vai parecer supimpa aos olhos seus.
Então, eu me contento e me despeço,
Pensando haver disposto, com sucesso,
Algumas expressões p'ro meu adeus.

Aí, vejo que faltam muitas linhas,
Até que possa dar com meu aceno
Ao companheiro que se põe sereno,
Sabendo borrifar as estrelinhas,
P'ra festejar o dia de trabalho
Com muitas alegrias, porque malho.

O tempo é que se esvai a me apressar
A permanência, neste bom lugar,
Que me recebe as rimas com prazer.
Repito uns versos toscos, simplesmente,
Para cumprir dever, estando crente
De possuir ainda este poder.

Mas tudo quanto afirmo cá no fim,
Vai ser usado sempre contra mim,
Por não deixar a trova inda mais bela.
Ao afirmar que sei fazer uns versos,
Não deixei claro como são perversos

Os meus leitores críticos, sem trela.

Jesus, vosso perdão eu rogo agora
Conforme o bom costume que vigora
Entre os poetas tolos cá do etéreo.
Os puros, os perfeitos, os saudáveis
Conseguem rimas muito mais notáveis,
Mas vós nos destinais ao refrigério.

13. Quero redimir-me

Não posso reformar esta maneira
De formular a trova, embora queira
Tornar mais agradável meu assunto.
Os temas, me propõem os caros mestres,
A bem dos meus irmãos que são terrestres,
Enquanto sobre o amor eu lhes pergunto.

Respondem-me que devo sempre mais
Usar do meu direito de escrever,
Não tanto p'ra me expor mas por dever,
Ainda que não sejam magistrals
Os versos resultantes do trabalho;
Mas sem me comover, porquanto falho.

Há de ficar, porém, mui cansativo:
Aquele que me ler, estando vivo,
Irá se aborrecer a cada rima
Que vir aqui de novo reprisada,
Pois vim propor por tema um quase nada
E a dor que sente agora o desanima.

Escrevo, então, para não mais ser lido?
Meu verso perde seu melhor sentido,
Organizado e justo, mas sem vida.
Ao gajo que me serve de escrevente,
Eu peço, comovido, que me aguente;
Um dia irá ouvir-me a despedida.

Porém, se trago n'alma uma euforia

Que posso transformar nesta poesia,
Alegra-se este povo e se entusiasma.
Um tico de grandeza e de virtude
Irá fazer com que minh'alma mude
E toda a gente fica atenta e pasma.

A glória é ser perfeito em cada gesto,
Ainda que, no fundo, eu sinta o gosto
Amargo do sofrer que foi imposto,
Ao ter consciência de que um pouco presto,
Porquanto me preocupa muito o bem
Que o gajo que me lê faça também.

Se devo preocupar-me mais comigo,
Como é que vou tornar o verso antigo
Um jogo de verdade e de saber?
Crescendo na doutrina, simplesmente,
Que o gajo que se doa não se sente
Apenas a cumprir rude dever.

Aos poucos, um sorriso mostra os dentes
Dos meus amigos, que se põem frequentes,
Na confiança de que sou capaz
De receber, em desafio, um mote
Que não requer que minha rima esgote
Mas que me dá mais esperança e paz.

Por isso, quando chega a nona hora,
Eu faço logo a estrofe e, sem demora,
Carrego já com ela p'ro escrevente.
É num minuto apenas que lha dito,
P'ra ouvi-lo murmurar: — *Ó ser bendito,*
Que leva o tempo meu tão sorridente!

Jesus, perdoa o gajo que hoje escreve,
Pensando vir dispor sempre o que deve,
Conforme se propõe para os mentores.
Envia a tua bênção a quem sofre,
Abrindo das virtudes o teu cofre
E faze dos amigos bons leitores.

14. Tornando a rima leve

Quando peço por mim mesmo,
Pareço pedir a esmo,
Pois os sons de minha voz
Repercutem na memória,
Trazendo de novo a história
Dum tempo demais de atroz.

Salpico, nuns versos toscos,
Os engodos e os enroscos,
Maldades de um'alma triste.
Isto tudo é de sobejo,
Pois só toco o realejo,
Sem pôr o meu dedo em riste.

Ao lamentar a poesia,
Pensando que poderia
Outro texto formular,
Apenas sinto a desgraça
Dum instante que não passa;
E não mudo de lugar.

Faço versos tão impuros
Que mais sofrem esconjuros
Dos leitores de improviso,
Porque não sabem que as rimas
Requerem deles estimas,
Para além do meu juízo.

Por isso, venho ao Senhor

Solicitar que o compor
Me desobrigue do bem,
Pois o que faço é terrível,
Bem longe de ter o nível
Dos perfeitos cá do além.

Em todo o caso, o perigo
De sofrer rudo castigo
Não ronda estes versos meus,
Porque sei que o bom colega
O pasticho nunca entrega,
Por confiar mais em Deus.

E tudo aqui prevalece
No mais simples desta prece
Carinhosa e proficiente,
Pois Jesus me dá conforto,
Dizendo o passado morto:
Que o futuro me acalente!

Sendo assim, não me envergonho
De lhes contar o meu sonho
De perfeição literária.
Qualquer dia, chego aqui
P'ra demonstrar que senti
Os tremores da malária.

Hoje em dia, sigo alegre,
Querendo ver que se integre
A doutrina nos meus versos.
É tão pouca a inspiração
Que certamente não vão
Deixar de julgar perversos.

Mas não me importo com isso,
Pois cumpro o meu compromisso
De calar os impropérios.
Tendo Deus no coração,
Jesus está sempre à mão,
P'ra resolver os mistérios.

Se não pensa assim o amigo
Que chegou junto comigo
Ao final dos versos meus,
Ao menos, vamos orar,
No recesso do seu lar,
Rogando as bênçãos de Deus.

15. Poesia e vida

Devo refrescar-me um pouco,
Do contrário acabo louco,
Nos calores cá do etéreo,
Pois trago a alma ferida,
Por ter estragado a vida,
Sem compreender o mistério.

Muitas vezes o sujeito,
Por sentir-se satisfeito,
Pensa que tudo está certo.
Não percebe quanto o mal
Extrapola o que é normal,
Tornando a mente um deserto.

Agora não mais requeiro
Ter no bolso um bom dinheiro
Para gastar sem juízo,
Desperdiçando quantias
Com tantas mesquinhas,
Para além do que é preciso.

Mas vocês podem dizer
Que não me cabe o dever
Deste parecer amargo,
Pois, se fui tão mal na vida,
Como posso dar guarida
Às virtudes deste encargo?!...

Está claro que mudei,

Pois reconheço esta lei
De progresso e de justiça.
O dia de ontem foi duro,
Porém, hoje me asseguro
De que a dor não mais me atija.

Nem por isso sou perfeito,
Nem escolhido ou eleito,
Para habitar outra esfera.
Sou soldado nesta briga,
Mas meu grupo não periga
No respeito que assevera.

Por isso, me atrevo ainda
A dizer que hoje não finda
A tarefa que empreendi.
Tenho muitas trovas feitas,
Examinadas, aceitas,
Pelos mentores daqui.

Mas vale do meu leitor,
Esteja ele onde for,
A opinião decisiva,
Porquanto a rima que falha,
Ao perder esta batalha,
Vai p'ro cesto, onde se arquiva.

Compromisso é compromisso:
Tenho de mostrar serviço,
Nas dez estrofes da norma.
Mas, quando falo do verso,
Um sentimento perverso
A rima logo deforma.

Sendo assim, ó meu Jesus,
Dai-me mais força, mais luz,
P'ra terminar tudo em prece.
Protegei o meu leitor,
Com vosso manto de amor,
Que estes males logo esquece.

16. Sob tristes impressões

Eu tenho de ajudar o meu irmão,
Estando ele cansado desta vida.
Nem sempre este trabalho ao bem convida,
Se a ele não se entrega o coração:
O aviso chega tarde e se desfaz,
Se não se sente afim o bom rapaz.

Vou recolher-me, então, muito mais cedo,
Dizendo que não vale a minha rima,
Porquanto este meu tema o amor sublima,
Ao superar o anseio, a dor e o medo,
Pois as sextilhas chegam p'ra provar
Que estamos a compor junto ao seu lar.

Mas é trabalho insano, pobre, feio,
Pois nosso estímulo não tem vigor;
Não repercute n'alma do leitor,
Enquanto, nestes versos, titubeio,
Pedindo a Jesus Cristo a melhor bênção,
Para que os meus amigos se convençam.

Jesus, perdoa o pobre desafeto
Que de tão longe mede o meu trabalho.
Permita-me enxergar onde é que falho,
Para tornar o verso mais correto
E dar ao médium meu mais confiança,
Porquanto, mesmo assim, o gajo avança.

E segue a repetir o que lhe dito,

Sabendo não ser dele esta poesia.
Não quer acrescentar um *todavia*,
Pois julga que não pode estar aflito.
Quando se perturbar, de forma injusta,
Espera que lhe cobre o que me custa.

Prossigo no improviso desta trova,
Buscando, em meu bestunto, o tema certo,
Porque ninguém que pregue no deserto
Aspira a revelar a boa nova,
Que a multidão não vê e não conhece,
E ali só cabe bem alguma prece.

Jesus, perdoa o pobre que me ofende,
Sem conceber que possa errar de novo.
Se o verso meu não se mostrar ao povo,
Bem pouco este poema a mim me rende,
Porque não faz ninguém pensar na vida,
Conforme a traz aqui quem não revida.

Suspendo o pensamento contra alguém
Que nem sequer suspeita que reajo,
De forma a responder mui sério ao gajo,
Ouvindo dele o mal, fazendo o bem,
Sem esperar resposta nunca mais,
Pois responder seria ir contra a paz.

Bondade em solidão encontra apoio
No pensamento que se eleva ao Pai:
Toda pessoa que hoje reza vai,
Um dia, separar trigo do joio.
Aí, o descortino da verdade
A dar uma guinada persuade.

Senhor, aceita trova tão mesquinha
E estende a mão a quem não tem ouvido
A pregação do amor, porque duvido
Que, se escutasse a minha voz fraquinha,
Não ia agradecer ao Pai a luz
Que esparge sobre nós Cristo Jesus.

17. No capricho

Preciso demonstrar algum talento,
Se quero progredir nesta poesia:
É tudo quanto espera quem, um dia,
Perdeu algum dinheiro, desatento,
Porque gastou na compra do volume,
Talvez por desfastio ou por costume.

Mas como melhorar os versos meus,
Se não melhora a mim quanto à virtude?
Também quem desespera p'ra que mude
Não há de evoluir, pois quer que Deus
Proceda a algum milagre, em boa hora,
A desprezar a lei que hoje vigora.

Da mesma forma, o homem, quando encarna,
Não deve requerer só benefícios:
Deve afastar de si os rudes vícios,
Senão vai se coçar com outra sarna.
Se as coisas não são fáceis cá na Terra,
Piores vão ficar, se ao mal se aferra.

Por isso, dou conselho e mais me esmero,
Querendo receber bom elogio,
Não tanto quando a trova desafio
A receber do povo mais que zero,
Mas quando me apetrecho com a rima
Que vai provar que o gajo aqui se anima.

E quando o meu leitor descoroçoá,

Sem nunca mais achar algo que preste,
Preciso lembrar que existe a peste
De tanto verso feito assim à toa,
Que os meus até parecem proveitosos,
Favorecendo, alegres, lindos gozos.

Mas, neste ponto, peço ao bom Kardec
Que venha em meu socorro co'a doutrina
Que tantos bons espíritos afina,
Abrindo de Jesus o amor em leque,
Em cântico de luz e de prazer
Que eleva ao Reino com veraz poder.

Sustento este meu tom em nota longa
Mas temo desabar, se, de repente,
A dor do meu passado se apresente,
Que o verso, sem que eu queira, se expandonga,
Por não cumprir as rútilas promessas,
Deixando as tais virtudes às avessas.

Devo correr, então, atrás do abrigo
Que sempre consegui junto a Jesus,
Nas preces tão ligeiras que compus
E que a dizer aqui hoje me obrigo,
Se o gajo que me lê não desprezar,
Deixando p'ra depois, às mãos do azar.

Meu Deus, fazei de mim um serviçal
Que nunca mais destroce um compromisso.
Se tenho de trazer algo mortiço,
Que seja o mais saudável e normal,
Que a morte, quando chega e nos arrasta,
Nos leva de roldão, sem dom nem casta.

Livrai-me da preguiça e da impostura,
Para que o verso seja de proveito,
Que os males já não quero e não aceito
Que o meu leitor se frustre, pois se apura
O sentimento deste amor divino
Que a vós elevo, quanto entoo um hino.

18. Meditem sobre isto

As outras entidades que aqui vêm,
Com o seu texto em prosa bem composto,
Ocupam mui felizes este posto,
Pois sabem resguardar-se muito bem
Das falhas que cometem na prosódia,
Que é fácil de alcançar boa custódia.

Os vates, entretanto, penam mais,
Pois devem vir compor na segurança
De que o pior sentido não avança
Nos versos, por fatores naturais,
Que o nosso médium prima pela forma,
Mas não se vê seguro quanto à norma.

Repetem-se, por isso, muito as trovas
E os versos não parecem progredir,
Deixando aflito o amigo Wladimir,
Cansado de sofrer severas sovas,
Embora tudo chegue bem depressa,
Passando o tempo sem que o gajo meça.

Mas o produto que se vê no fim
Talvez não traga o bom prazer da paz,
Porquanto à gente apenas satisfaz
Quando não lembra fato algum ruim,
Nesta medida que se entende logo,
Quando a Jesus por muita luz eu rogo.

Meu compromisso, assim, se desvirtua,
Porquanto apenas trato desta rima,
Pondo de lado o bem que mais anima
Quem quer sossego, sob a luz da Lua,
Depois de trabalhar o dia inteiro,
Tendo de ouvir os sons que não peneiro.

Além do mais, o amor não se estimula,
Se ponho a lamentar-me, como acima:
O meu amigo quer trazer-me estima,
Mas racha o sentimento, que se anula
Nestas terminações tão más, soezes,
Porque já se repetem muitas vezes.

Assim é que reflito sobre a vida
Que me mantém imerso neste Umbral:
Por tanto repetir na Terra o mal
Que o gozo dessa carne o bem olvida,
Agora a minha trova chega tarde,
Que o fogo deste inferno mais me arde.

Não quero descontar no meu leitor,
Então, dou-lhe de leve co'a notícia
De que meu caso escrevo, sem malícia,
Deixando de mostrar, no meu compor,
As lágrimas que lavam minha face,
Pois faço com que o tempo logo passe.

Também, disponho os sons com harmonia,
Disfarce que aprendi regendo orquestra,
Ao sugerir somente, na palestra,
Que nada aqui melhor produziria,
Se fosse evoluído e com mais luz,

Amigo dos amigos de Jesus.

Eu quero agradecer, mui comovido,
Por ter chegado ao fim dos versos meus,
Rogando que intercedam, junto a Deus,
Aqueles bem mais puros, pois convido
A todos que me leram que convençam
Os santos benfeitores para a bênção.

19. São contentamento

Detenho grande força em meu poder,
Pois sou dos que sustentam esta turma,
Na corda bamba, pois um só que durma
Demonstrará que o verso é de doer,
No coração da gente que se informa,
Para saber do etéreo qual a norma.

Preciso, pois, lograr tremendo apuro,
Nas rimas que componho toda tarde,
Pedindo p'ra que o povo se resguarde
De requerer um verso mais seguro
Das teses doutrinárias de Kardec,
A quem devo fazer salamaleque.

O termo acima não contém perjúrio:
É que rimar eu devo sempre bem,
Porém, nem todo termo que me vem
Impede que, entre o povo, haja murmúrio.
Se em prosa fosse a minha descrição,
Iriam encontrar outro refrão.

O dia está propício p'ra que o tema
Se envolva de felizes harmonias.
Então, tu me dirás que não darias
A mesma solução para o problema,
Que o gajo que aqui vem mais se atrapalha,
Pois quer mover na vez uma só palha.

Assiste-me o meu mestre e professor
E espanta-se co'a rima que produzo.
Às vezes se chateia pelo abuso
Dos sons que intermedeio, sem valor,
Apenas p'ra provar que tenho o mérito
De haver muito rimado no pretérito.

Aí, bem reconheço ser pecado
Fugir de aproveitar este momento.
Mas é com prontidão que me atormento,
Depositando os males deste lado,
Que as trovas se produzem com esmero,
Para o leitor que gosta do tempero.

Quem desconfia deste autor nefando,
Querendo pôr-me um nome conhecido,
Não vai gostar de mim, nesse sentido,
Pois tenho a produção dum miserando
Poeta sem destino e melodia,
Sabendo que um qualquer melhor faria.

Por isso me convidam para o estudo
Dos preitos doutrinários dos mortais,
Fugindo destes textos sempre iguais,
Para afirmar mais tarde: — *Agora eu mudo!* —,
Deixando de escrever qualquer poesia,
Que o *mudo* é p'ro silêncio que faria.

Quem quer que seja alegre no mistério
Não pode contentar-se com tão pouco,
Pois há de declamar, ficando rouco,
Multiplicando os versos cá no etéreo,
Até compreender a seriedade

Que anima o bom leitor e o persuade.

Jesus, eu temo as reações do povo
E venho requerer a vós, de novo,
Me protejais dos meus irmãos furiosos,
Tornando a minha rima tão alegre
Que faça com que a gente a mim se integre
E tenha, finalmente, nobres gozos.

20. Fruindo sem comprometimento

Caríssimo, eu lhe peço um só minuto
Do tempo destinado ao seu lazer:
Pretendo demonstrar o meu poder
De dominar os sons, pois sou arguto,
Embora não consiga muita cousa,
Que o gajo que me lê também repousa.

Na esfera em que me encontro, não sou bamba,
Porquanto mui me aflijo co'a virtude,
Querendo que minh'alma sempre mude,
No instante que p'ro mal ela descamba.
Mas, não fazendo muito além dos versos,
Não tenho como ver se vão dispersos.

Na vida literária que passei,
Cometa a deixar cauda sem rebrilho,
Tratei cada poema como um filho,
Pensando no futuro como lei,
Que o povo um dia iria compreender
O quanto dessa dor me deu poder.

No entanto, não deixei nada de bom:
Fagulhas, nada mais, sem gênio algum.
Mas cria divertir, sendo incomum
A solução que dava a cada tom,
Na escala dos valores dum momento,
Querendo a eternidade do talento.

Minha poesia faço de tal jeito

Que dê p'ra demonstrar na forma o assunto.
Por isso, tenho medo e não pergunto
Se agrado, quando eu mesmo não aceito,
Tornando o melhor clima muito tenso,
Perdendo mas pensando que hoje venço.

Não há de ser assim com meu leitor,
Que criva de perguntas cada rima,
Achando bem melhor, quando se anima
Nas faldas da montanha do valor,
Ao crer que já subiu perto do cume,
Estando para o voo ainda implume.

Mas devo de afirmar esta virtude
Do jeito que disponho a minha voz:
É que disfarço bem o mal atroz
Que impede ao meu leitor que mais estude,
Nos versos que lhe trago, a tal doutrina
Que o mestre que me instrui ao povo ensina.

Por isso, ao ver passar alegre corso
De doces fantasias, lá da Terra,
Eu temo pelo amigo que abre guerra,
No empenho em que acomoda o seu esforço
Para gozar a vida e ser feliz,
Sem compreender as leis deste país.

Se falo da doutrina e não agrado,
O risco é de perder o meu leitor,
Ainda que demonstre tanto amor,
Deixando o meu orgulho deste lado,
Porquanto já não primo pela rima,
Pois muito mais me vale a sua estima.

No fim, peço a Jesus que me resguarde
Ao menos para as bênçãos que rogar
Que caiam sobre todos deste lar,
Que as luzes naturais da bela tarde
Se foram, a reinar noutras paisagens,
Restando um pouco apenas nas mensagens.

21. A cada passo, uma pegada

Não posso demorar-me com os versos,
Que o tempo está premido nesta esfera.
E, se não passo a rima, vira fera
O companheiro médium e os diversos
Leitores que acompanham a poesia,
Querendo algo melhor a cada dia.

Assim, como fazer algo de vulto
Que possa efetuar um crescimento
No coração da gente que atormento,
Se todo o bem no etéreo deixo oculto,
Por falta de sentir dentro do peito
A mesma vibração dum ser eleito?

O meu leitor amigo já pensou
Se cá viesse um ser mui superior,
Daqueles cujo halo, em esplendor,
Iria por si só dar o seu *show*,
Na crosta, como aurora boreal,
Queimando no seu fogo todo o mal?

Que versos comporia o nosso amigo?
Que temas nos daria, em expansão
Do amor mais puro e terno, coração
Que bate em sintonia já comigo,
Porque, para entendê-lo, era preciso
Tornar *mais puro e terno* o meu juízo?!...

Aos poucos, as palavras que hoje junto

Demonstram que sorrio e não me importo
Se o texto se permite vir — e exorto
Todo respeito ao som do meu bestunto,
Que as trevas exteriores são terríveis
E eu vejo alguma luz em nossos níveis.

Preciso enfatizar que todos nós
Seguimos lentamente pela estrada:
Talvez o que hoje faço seja um nada
Mas é melhor que o estrago tão atroz
Que um dia cometi contra a poesia,
Recordação que o sangue logo esfria.

Nem tudo que lhes trago é muito feio,
Porquanto o meu respeito ao professor
Me obriga a solfejar trovas de amor,
Enaltecendo os pontos que permeio
De sã doutrina espírita, que curto
Mas não consigo pôr neste meu surto.

Então, faço o que posso com a rima
E dou ares de prosa ao verso tolo,
Que apenas me permite que, ao compô-lo,
Esteja mais alegre, pois se anima
Aquele que suspeita estar no fim
O *surto* da poesia mais ruim.

Um anjo que viesse p'ra rimar
Teria de buscar um patamar
Que fosse mais sutil para o seu verso,
Que a rima que compõe, bem lá no alto,
Acaba por deixar em sobressalto
O coração na trova mais imerso.

Aí é que pergunto ao Nazareno
Quem é que, estando em solo tão ameno,
Exige sacrifícios dos amigos:
— *O pobre que verseja no momento,*
Querendo que lhe diga que sustento
O povo resguardado em seus abrigos.

22. Comentário imprescindível

Concordo, quando dizem ser bem fraca
A rima que disponho e que sublinho,
Porque tudo o que faço logo alinhio
E passo ao escrevente, quando empaca,
Porquanto outras virtudes requeria,
Para dar vida às asas da poesia.

Minhas figuras não se põem felizes,
Que é como sabem os mortais as trovas,
Pois querem que estas flores sejam novas,
Que as árvores se elevam das raízes,
Ou seja, o tronco, os ramos e as sementes
São coisas de somenos, para as gentes.

Se deito estas raízes na doutrina
E ponho falação nos pecadilhos,
Vão logo reparar nos estribilhos,
Que a língua dos mortais é bem ferina:
Se o preconceito aflora de repente,
Não há vate que aceite ou que se agunte.

Mas devo confirmar, inda uma vez,
Que tudo quanto escrevo vai perder-se,
Que o som, quando me serve de alicerce,
Ressoa, junto aos críticos, soez,
Que o belo se resume nas palavras
E paira muito longe destas lavras.

Conseguirei alguém que me respeite

O texto pouco lúcido que rimo;
Alguém que possa ser o meu arrimo
Nas tristes decisões, para o deleite
De ver que existe quem não tem pudor
De oferecer aos pobres seu amor?

Assim me sinto bem e me estímulo,
A dar, junto aos mortais, um simples pulo,
Alegre e satisfeito, agradecido,
Sabendo ser bem pouco o sentimento
Do irmão que me quer bem e que atormento,
A ponto de rezar por mim no olvido.

Faltando muito pouco para o fim,
Estranho esta tristeza que me invade:
Foi rara, mas foi, sim, felicidade
O que me trouxe alegre ao bom festim
De cores, brilhos, sons e fantasias,
Nas trovas de tão parcas harmonias.

Sutis, irão pensar que quero apenas
Que me ponham no céu, junto aos poetas.
O que não sabe o povo é que completas
Estão as tais esferas, pois, pequenas,
Resguardam alguns vates superiores,
Que é duro de agradar os meus leitores.

Lamento, finalmente, o tema triste,
Porquanto o meu pavor inda resiste
Às teses doutrinárias comezinhas.
Eu fico a lamuriar-me eternamente,
Querendo e não querendo que se aumente
O quadro do horizonte nestas linhas.

Jesus, peço por todos que me leem
E que, conquanto feias, não descreem
Das rimas que lhes trago tão bisonho.
Fazei por eles muito mais que um verso;
Trazei algumas luzes do universo
E povoai de amor meu pobre sonho.

23. Reflexões natalinas

Jesus Cristo é o Salvador
Que o Pai mandou até nós,
Que lhe demos cruz atroz,
Em troca de tanto amor.
Hoje em dia, esplende em luz,
Nos corações que seduz.

Nasceu em terras hebreias
Mas espargiu pelo mundo
Um sentimento profundo
Que transformou as ideias,
Tornando o povo selvagem
Mais feliz pela mensagem.

Hoje, há guerras sanguinárias
Mas o povo está esquecido
De aplicar, no bom sentido,
As virtudes, que são várias,
Para bloquear a dor,
Para a esperança compor.

Se Jesus hoje voltasse,
Cheio de luz e de paz,
Seria o povo incapaz
De dar outro desenlace
À vida de sacrifícios,
Pois mantém todos os vícios.

Todo dia, uma criança

Perece à míngua, na Terra.
Inocente, serve à guerra,
Quando a paz ninguém alcança.
E quem pensa em seu favor?
E quem lhe dispensa amor?

É Jesus inda do etéreo,
Pois acolhe o sofredor,
Pedindo para transpor
Os portais do cemitério,
Com o coração sereno,
Pelas mãos do Nazareno.

Muitos querem retornar
Para causar mais transtorno,
Que a luz só serve de adorno
Para os gajos do lugar:
Não brota do coração
E as dores aumentarão.

Muitos, porém, que conheço
Seguem a voz do Senhor,
Aquele ser superior
Que não muda de endereço:
Está no reino de Deus,
Onde abraça os filhos seus.

Não me transtorna a miséria,
Porquanto sei quanto é séria
A promessa de Jesus.
Não importa quanto peque,
Em nome de Allan Kardec,
Venho acender uma luz.

Se o meu verso é muito pouco,
Não me faça ouvido mouco,
Rezando agora comigo:
Ó Jesus, manda o teu povo
Descer à Terra de novo
E reconstrói teu abrigo!

24. Carlos se retira

Encerro estes meus versos bem feliz
De haver participado desta mesa.
Quisera ter o dom de mor beleza,
Para deixar impressa a diretriz
De como pôr nas trovas as lições,
Como Kardec o fez nas edições.

Mas devo estar contente com a rima,
Pois traduzi afeto, amor, estima,
Em rústico penar de bom castigo.
Apenas não concordo que haja dor
Na esfera em que o amigo e bom leitor,
Não sente o meu abraço e o meu abrigo.

Por mim deve de orar a melhor prece,
Pois tudo quanto expressa se oferece
Em vibrações de luz de forte amparo.
Aí, vou confortar-me, criar vida;
Vou convidar a quem também convida
Para elevar ao Pai o dom mais caro.

Jesus vai ser por nós, tenho certeza,
Porquanto o amor que gera, sem surpresa,
A fé que temos todos na doutrina
Se estenderá também ao coração
Dos mestres que nos passam a lição
Que, no seu labor, Kardec ensina.

Jesus, sede por nós, onde estejamos;

Faze que sejam doces, nestes ramos,
Os frutos das virtudes que nos pede
A luta pela vida em prol do amigo
Que sofre e que batalha aqui comigo;
E faze desse amor noss'alma a sede.

Senhor, nós te rogamos nos perdoe
A atribulada busca da poesia,
Que é certo que qualquer melhor faria
Que a rima que nos pesa bem ressoe,
Nos corações que vibram mais perfeitos,
Porque, mais que escolhidos, são eleitos.

Reduzo os sentimentos, pois que vim
P'ra ser um mero escravo que te serve:
Não quero um sofrimento que me enerve
E torne este poema contra mim.
Faze que o meu leitor o considere
Simple canto de dor, um *miserere*.

Se devo aqui ousar um alto voo,
Na trova em que desnudo est'alma rude,
Dá-me, Jesus, que tenha uma virtude:
A de entender as falhas, pois perdoe
A todos que me ferem com seus zelos,
Quando não sei ainda conhecê-los.

O mais corre por conta do mistério,
Que os versos que componho, muito sério,
Não dão para entender todos os dramas.
Falei pouco de mim, na realidade,
Mas o que disse aqui me persuade
Que não devo entregar a trova às chamas.

Que tenha a sorte o meu poema torto
De não haver nascido natimorto,
Que alguém o possa ler e me estimar.
Senhor, eu peço, então, que me abençoes;
Que tudo quanto fiz de mau perdoes;
Que ampares os amigos deste lar.

MARIA

1. Meu nome é Maria.

Meu filho era traquinas e eu dizia
Que muito mal na vida acabaria,
Se desprezasse tanto os meus conselhos.
Um dia, fez das suas lá no mundo,
Caindo de bem alto num profundo
Buraco, cá no etéreo, de fedelhos.

Isso só vim saber depois de velha,
Quando aprendi do Espiritismo as leis.
Além daquele, eu tinha outros seis
Mas presa ali fiquei, que a dor engelha:
Se alguns vão bem, o outro se engrandece,
Para nos provocar a nossa prece.

Depois que retornei para o mistério
E descobri que o filho se perdera,
Pois, na verdade, a queda que sofrera
Não tinha tido ainda um refrigerio,
Me pus a perguntar a toda a gente
Se traz um bem ao outro o que se sente.

Então, eu compreendi que já lhe dera
A compreensão da falha, pelo menos.
Se lhe aumentei a dor, com meus acenos,
Agora iria dar-lhe, nesta esfera,
O carinhoso afeto de quem sabe
Que o pagamento é sempre o que lhe cabe.

Ao procurar por ele nos abismos,
Fui prevenida, sim, de haver quem quer

Prevalecer na dor, por ser mulher
A protetora cheia de truísmos,
Mãe carinhosa e meiga, sem maldade,
Mas plena desse amor, por caridade.

Distribuí afetos a mancheias
E fui apedrejada muitas vezes,
Que existem entidades vis, soezes,
Que culpam as pessoas pelas peias
Que prendem os seus pés e não permitem
Ir muito além das dores que transmitem.

Mas consegui livrá-lo, finalmente,
Trazendo-o comigo para a escola.
A ele pareceu ser uma esmola,
Que a vibração de medo tão recente
Faz tudo cheirar mal ao derredor
E ao paladar saber muito pior.

Aos poucos, compreendeu que tal auxílio
Lhe veio num momento de ternura,
Ao relembrar da mãe a eterna jura
De nunca abandoná-lo, nesse exílio
Que representa o mal que ontem se fez
E que jamais se vai todo, de vez.

Hoje, rezamos juntos a Jesus,
A quem pedimos muita paz e luz,
Não só por nós, porém, p'ro mundo inteiro.
A minha parte eu vim fazer ao vivo,
Nesta poesia em que me dou e ativo
A minha fé em Deus, a quem requeiro

Que mande ao mundo as bênçãos da razão,
Porque somente assim compreenderão
Os homens que precisam se esforçar
P'ra merecer um pouco de sossego,
Fazendo dessa vida um bom emprego,
A começar do povo do seu lar.

2. A natureza moral dos versos

Se quebro o meu jejum de vários anos,
Não devo demonstrar que estou sem jeito:
Um pouco mais e logo o esquema aceito
E o faço a revelar meus desenganos.
Na estrada que percorro, ainda agora
A dor dentro do peito desarvora.

Mas tenho o compromisso e sigo em frente,
No mínimo a dispor com amargura
O que devera ser a forma pura
Dum lépido destino, mais contente,
Porquanto a mente vem com seu recado,
Deixando o sentimento já de lado.

Já disse que meu filho desandou
E deu, durante a vida, um triste *show*,
Buscando contrariar as leis de Deus.
Disse também que fui atrás do *cara*,
E peço ao meu leitor que se depara
Não mesma situação: — *Não perca os seus!*

Quem é que já não tem qualquer rancor,
Por vislumbrar nos outros o vigor
Com que pretendem nos fazer de otários?
O mundo, é certo, nos conduz às provas
Que, cá no etéreo, o povo põe em trovas,
Para evitar os gestos arbitrários.

Se venho prevenir os que se odeiam,

Não julgue o meu amigo que permeiam
Os meus dizeres as noções do mal:
Toda intenção é boa quando ativa
A consciência, que se põe mais viva,
A compreender que a dor é natural.

Se os pobres versos não contêm beleza;
Se o meu trabalho aqui, junto da mesa,
Não satisfaz ao crítico exigente,
Ao menos me deem crédito na tese
De que se deve honrar quem melhor reze,
Se põe o coração em paz, somente.

Depois dum certo tempo, a gente prima
A ver se alcança dar, em nobre rima,
A mais forte doutrina da existência.
Mas, quando se apercebe, muito errou,
Pois a felicidade não dá *show*
E o verso fica apenas na aparência.

Os dias são contados cá na Terra.
No etéreo, o que se passa não se conta
E tudo ganha dimensão de monta,
Enquanto os inimigos fazem guerra.
Por isso é que avisamos os mortais
De que a dor, cá no etéreo, dói bem mais.

Avisos já não faltam, mas vontade
E modo de pensar na realidade
São fatos que independem da poesia.
Quem vem com tais palavras de atenção
Não sabe compensar o seu irmão,
Se diz que tal conselho não daria.

Jesus será por todos, pode crer.
Assim, quem quer cumprir o seu dever
Deve rezar até por seu rival:
— *Ó Pai, fazei que os homens sejam bons;*
Que saibam divisar, na troça, os dons,
Fazendo bem melhor o seu astral.

3. A provocação

Meu filho, o do trabalho, me acompanha
Ainda, quando venho p'ra poesia,
E quer dar-me o prazer que não daria
Se fosse outra qualquer esta façanha,
Ao sugerir uns versos de arremedo,
Sabendo, embora, ser um tanto cedo.

Preciso, então, conter tal arremesso,
Que a vida não é só fazer e pronto.
Desejo que ele veja que desconto
Os vícios que possuo e que conheço,
P'ra não deixar um rastro de soluços,
Falando o que me der e sem rebuços.

Também para escrever uns simples versos,
Precisa que haja luz nesta caverna,
Que um mal que se registra mais consterna,
Que os temas devem vir também imersos
No amor que o Cristo tem por todos nós,
Pois ouve com afeto a nossa voz.

Por isso, importa tanto cada rima,
Pois vibra o coração do bom poeta,
Se a trova está perfeita e se completa
Na mente do leitor que também prima
Por elevar ao Pai a melhor prece,
Sabendo que o momento favorece.

Meu filho entende tudo quanto digo
E ri muito contente com meu verso,
Pois sabe quanto bem incontroverso
Encontra em cada linha do castigo,
Ao dar ao conteúdo a melhor forma,
Segundo a compreensão da velha norma.

E peço que me escute e me repita,
Em forma de poesia, cada ideia.
Então não se conforma e não estreia,
Com medo de ofender, a mente aflita,
Pensando no porvir de sacrifícios,
Pois traz no coração uns poucos vícios.

Se lhe forneço o tema e mais ajuda,
P'ra que disponha as rimas no lugar,
Sugere que não faço de auxiliar
Mas tudo sai de mim e nada muda
Nos textos que produz por esse jeito,
Pois acha necessário um outro efeito.

É certo que razão lhe assiste assim,
Porquanto versejar requer paciência
E treinamento forte, que a ciência
Está neste exercício, o qual, p'ra mim,
Nenhum segredo guarda muito sério,
Porque consigo já bom refrigerio.

Qual há de ser, então, o meu desejo,
Além de ver meu filho versejar?
Eu quero refazer meu doce lar,
P'ra dar aos protetores claro ensejo
De respeitar as leis e o compromisso

Que têm para comigo, se aterrisso.

Meu filho se arrepia e eleva a voz,
Clamando por Jesus, em leve prece,
Dizendo que ao jejum não se oferece,
Pois reencarnar lhe sabe muito atroz:
— *Senhor, sede por mim nesta amargura:*
Fazei que minha mãe se sinta pura!

4. Lições além da vida

— *Mamãe*, me pede o filho do meu lado,
Será que eu posso versejar também?
É claro — lhe respondo — pois quem tem
O que dizer aos outros gera agrado;
Mas é preciso conhecer as normas
De dar aos conteúdos belas formas;

Senão os versos seus não vão passar
De prosa, em metro tosco, só com rima,
Que é como a sua mãe a trova anima,
No ensejo de lhe pôr do tema ao par,
Pois dou os meus exemplos com amor,
Menos no ponto exato do compor.

— De que me vale o verso, se não primo
Por algo de valor junto aos mortais? —
Pergunto ao meu pimpolho, pois quer mais
Explicações do assunto, para arrimo
Da tentativa que supõe que deve
Levar avante, *p'ra pegar de leve*.

Então me diz que o fato não comporta
Análises do prisma dos mortais,
Que as trovas devem ser bens naturais,
Fluindo do mistério, ainda que torta
Consiga ser a tese que interpreta
O rude trabalhar deste poeta.

Concedo que as razões têm seu apoio
Nos sentimentos nobres dessa estima;

Mas como pôr no verso, em doce rima,
Ao separar do trigo o mal do joio,
Esta lição superna que incentivo,
Sem dar ao coração algo aflitivo?

O que se faz, no etéreo, alcança a alma
Daquele que conduz, no bem, a vida,
Se for um benefício que convida
O ser humano a ver que mais se acalma,
Quando de amor reveste cada ação
Que põe, num pedestal de luz, o irmão.

O povo que me lê e que me entende
Nem deve reparar se falho tanto,
Que o coração vai receber o encanto,
Como se fossem versos de um duende
Que brilha e cambalhota nas estrelas
Que faz luzir p'ra quem deseja vê-las.

Assim, vou superar o medo de cair
No enredo torpe da suspeita alheia,
Apenas porque o povo julga feia
A trova que lhe dá do devenir
A clara e mui perfeita segurança
De que ser mui feliz a gente alcança.

Meu filho vibra muito e mais se agrada
Ao respeitar meus versos como são,
Dizendo que as pessoas saberão
Que o estro do poeta já na estrada
Há de florir, em cachos luminosos,
No coração de quem compreende os gozos.

E pede o meu garoto a melhor prece
Que pode a sua mãe em versos pôr;
Mas tenho de convir ser inferior
O que nas minhas trovas se oferece.
Então rogo a Jesus que nos ajude,
Desenvolvendo o amor como virtude.

5. Confissões de um coração de mãe

Meu filho não depende só de mim,
Pois tem uns professores muito bons,
Que dão aos meus conselhos outros tons,
Para lhe demonstrar que é bem ruim
Ficar num livro só durante a vida,
Pendente da lição que consolida.

Por isso, muita vez venho sozinha,
Podendo refrescar-me nestas águas,
Que as lágrimas transferem minhas mágoas
Para o papel molhado que encaminha
As dores que me ferem a quem tem
Desejo de rezar em prol de alguém.

A hora que hoje passo nesta esfera
Um dia vai compor-se para efeito
De dar ao filho meu, mais satisfeito,
A dimensão do mal que depaupera
As doces ilusões da mãe contrita
Na fé que alimentou e que explicita.

Preciso, então, contar que tenho medo
De me perder nos tópicos do enredo
Que quero ministrar nesta missão.
Poeta do improviso, vou levando
O tema da canção, mas até quando? —
Pergunto, sem resposta p'ra questão.

Alguém há de pensar que perco a calma

Mas, na verdade, o bem que amor espalma
Me traz mais controlada e mais serena.
O medo que citei é do porvir,
Pois sei que meu reencarne pode vir
Quando a missão ainda mal se engrena.

Não sente o companheiro o bom desejo
De ver esta poesia completar-se,
Trazendo p'ros problemas a catarse
E não estes rascunhos que bosquejo,
Sem arte e sem primor, pois não me empenho,
Acomodada e triste, sem engenho?!...

Preciso esclarecer que o desconsolo
É forma de mostrar o lado pobre
De alguém que quer apenas que algo sobre,
P'ra meditar o gajo, ao recompô-lo
Na mesma condição que imprimo à rima,
Ou seja, na intenção que se reprima.

Com o meu filho ao lado, eu crio força
E ponho, nos meus versos, mais vigor.
Assim como hoje está vou recompor
P'ra que ninguém me acuse e o mal retorça,
Deixando p'ra depois as virtualhas
Da minha mesa farta sem tais falhas.

É quando já descai e se perdoa
O débito do verso que preocupa,
Que peço ao meu *cavalo* esta garupa,
A qual me faz alegre a rima à-toa,
E sigo, nos caminhos da esperança,
Pois, com Jesus no peito, o bem se alcança.

Perdão devo pedir mas sem vergonha
Por ter feito tão pobre a trova amarga.
Mas, como não me pesa tanto a carga,
Minh'alma com sucessos inda sonha,
Se Deus me permitir volver ao lar
De quem ora por mim p'ra me ajudar.

6. Dando explicações

Pedi-me o meu pimpolho para ler
O texto que deixei ontem escrito,
Mas não ficou contente nem aflito:
Apenas me exigiu, como dever,
Que lhe explicasse as dúvidas surgidas
E que expusesse em rimas comedidas.

Saber queria como é que alguém
Não quer mostrar que sofre a quem mais ama
E junto ao Pai, nas orações, reclama
Que não possui, no amor, o próprio bem,
Trazendo, na consciência muito aflita,
O sentimento de que a dor contrita.

Estar de bem consigo mesmo é fruto
De muita luta p'ra causar benesses
Aos semelhantes, que, ao colher as messes,
Vão esquecer o chão tão seco e bruto
Que revolveram, ao misturar as fezes,
P'ra fermentar a terra, sem reveses.

O que se come, então, vem orvalhado
Das lágrimas dos homens que cultivam
O solo co'as virtudes, que se avivam
Após o sofrimento do cuidado
Que o trabalho prescreve a cada qual,
Se for um resultado natural.

Explico-lhe que a trova que escrevi
Foi no momento azado para o exame,
Bem longe de supor que alguém nos ame,
Porquanto me enfurnei, estando aqui,
No coração da dor de ver frustrada
A tentativa sã desta jornada.

Assim, minha poesia se completa,
Sem grandes emoções à flor da pele.
Espero que, com isto, o amor cinzele
Estrofes que não pejem o poeta,
Tornando alguma coisa menos dura,
Neste labor profano que depura.

Um outro sentimento me pergunta
Se deve angustiar quem ama tanto:
A frustração do metro deste canto,
A par do conteúdo que se junta,
P'ra dar ao bom leitor a ideia clara,
Pois é com muita dor que se depara.

Ao responder, proponho um desafio,
Ou seja, se é possível soffrear,
Mantendo toda a água num lugar,
Sem permitir que avance dentro ao rio.
O meu pimpolho ri e me responde
Que, ao congelar, o rio tal água esconde.

Mas logo me acrescenta que é normal,
À luz do Sol, o gelo desfazer,
Não tendo o ser humano o tal poder
De suspender as dores desse mal,
Que exige das pessoas mais valor,

Ao menos quando vêm para compor.

E juntos nós rezamos nossa prece,
Agradecendo ao Pai esta poesia,
Sabendo que melhor ninguém faria,
Se a dor no coração não se arrefece,
Rogando ao bom leitor que nos ajude,
Ao ler com mais paciência e angelitude.

7. Reviravolta final

Suspeito que meu filho não insista
Nos tópicos das falhas que cometo
(*Na casa do ferreiro o rudo espeto...*);
E põe só qualidades nessa lista,
Deixando que o conserto do meu mal
Se faça de maneira natural.

Mas como endireitar o que está torto
Nas malhas de terrível confusão?
Os homens, lá na Terra, poderão.
Mas como todo aquele que está morto
Irá se desfazer de tantos vícios,
Se aqui não assinar uns armistícios?

Ocorre que, no etéreo, os inimigos
Procuram arruinar os desafetos,
Se nas virtudes não se põem corretos,
Jamais trazendo aos corações abrigos,
Pelo perdão dos males e caprichos
Que transformaram seus irmãos em bichos.

No mundo superior, creio que o bem
Esteja sempre acima da vingança;
Que o mal encontra o mal e mais alcança
Aqueles que as virtudes não retêm
E gozam, sofredores com seu crime,
Sem descobrir quanto essa dor redime.

Por isso, eu vejo que preciso ainda

Dar muito afeto e paz à alma sua,
Antes de vê-la palpitante e nua
A me pedir perdão, porque deslinda
As relações do carma dessa vida,
Que trouxe tanta dor e tanta lida.

Mas tudo tem seu tempo no mistério
E chega o bom momento da união.
É quando os inimigos sentirão
O quanto o compromisso se faz sério
De progredir na lei e na virtude,
P'ra merecer estar na angelitude.

Eu digo p'ro meu filho que me aguarde,
Enquanto escrevo as rimas deste dia,
Sabendo que ele mesmo aqui daria
Um bom conselho, com menor alarde,
Sem grandes inquietudes, pois se ajeita,
Passando pela porta mais estreita.

Quem deverá ficar em penitência,
No aguardo de mais luz e mais arrimo?
Aquele que suspeita quanto estimo
Criar uma poesia sem clemência,
Que vibre em desatino contra mim,
Na busca de mostrar o que é ruim.

Mas o meu filho clama contra o verso
Que mostra muito mais o que é perverso,
Sem complacência alguma e sem proveito.
E diz que, enquanto sofro nesta rima,
Os males essa dor jamais sublima:
Melhor seria se lhe desse um jeito.

Então, escrevo a trova p'ra que o povo
Não veja quanto a luta me estragou.
Pelejo, sim, mas para dar um *show*
Que possa revelar o dom de novo
Do riso que perdi nalgumas linhas,
Envolta nas paixões antigas minhas.

8. Com algum discernimento

Suspeito que meu drama não tem fim
E que meu filho clama sempre em vão,
Agora mais que nunca, pois dirão
Que o meu motivo é bronco, tanto assim
Que as rimas se repetem tão sem graça
E o meu desejo cresce e a dor não passa.

Deveria mudar o tom da voz,
Dispondo, no meu verso, outro sentido,
Que o pobre do leitor, mui comovido,
Há de julgar o etéreo assaz atroz,
Ao destacar as rimas tão cruéis,
Fomento simplesmente dos cordéis.

Assim, fica deveras bem mais rica
Minha demonstração de imagens tolas,
Não precisando vir aqui dispô-las
Com muitos artifícios, pois se aplica
O tal conceito justo e permanente
De que deve gostar quem muito sente.

Empenho o meu leitor no compromisso
De respeitar as leis da urbanidade,
Mas sei que o verso nunca persuade
Aquele que me lê sem que o feitiço
Desta razão sem causa lhe apeteça,
Fazendo desandar sua cabeça.

Por isso, mui frequentemente peço
Que os meus atrevimentos se perdoem:
Licenças da poesia que se põem
Tão livremente e nunca com sucesso,
Que as rimas e os compassos mais não rendem,
Se os meus princípios tolos não se entendem.

— *O meu amor a Deus não tem limite!* —,
Assim pensava outrora e desandava,
Pois do confessor eu era escrava,
Arrependida sempre e sempre quite
Com a consciência doce de quem erra,
Sem compreender direito a rude guerra.

Estou, portanto, aflita e com razão,
Agora que compreendo o coração,
Quando revela, sério, os erros meus;
E peço que o meu filho me sustente,
Nas ânsias de voragem tão frequente,
Orando, neste altar, aos pés de Deus.

Não quero, simplesmente, a melhor frase,
Pois uma inteligência mais arguta
Sabe partir o pão, enquanto luta
Para conter a fome, caso atrase
O cesto dos legumes e das tortas,
Levando em paz o povo às horas mortas.

Este alimento apenas me contenta
As ânsias e os furores de minha'alma,
Porém, eu sinto que meu tema acalma
O sofrimento dos irmãos e, atenta,
Vou terminar, enquanto o verso esfria

Os vezos das angústias, na poesia.

Jesus, não quero aqui deixar a prova
De que o saber me afeta o coração:
Confio em que os leitores saberão
Que a dor, ao se entender, não se renova.
Por isso é que vos peço: — *Abençoi*
O povo que obedece às leis do Pai!

9. Preparando os espíritos

Preciso estimular o meu leitor
Para que aceite a tese da poesia.
E como hei de fazê-lo, se a Maria
Não sabe o bê-á-bá deste compor,
Que os versos faço bem e até me esmero,
Mas no sentir mereço a nota zero?!...

Queria ser alegre nesta rima,
Tornando o tema vivo e mais seguro
P'ra quem compulsava o livro, que depuro
No intento de aumentar a sua estima
Por quantos vêm do etéreo versejar,
Pedindo aos corações um bom lugar.

Mas o que tenho é isto; o mais eu calo,
Pois o sofrer perdura, enquanto a crise
A volta toda corre, que o deslize
Não pede a quem compõe p'ra amenizá-lo,
Pois a verdade fere, quando é triste;
Bem mais ainda, quando a dor persiste.

Já disse, no princípio, que meu filho
Eu fui buscar no abismo, pois sofria.
Preciso vir dizer-lhes, todavia,
Que tanto sofrimento compartilho;
Que o meu desejo nobre de ajudar
Carece de exhibir algo exemplar.

Por isso é que meu verso é tão medonho

Nas partes do emotivo e da razão:
As dores causam dores, irrisão!
Nos raciocínios, falho, pois mais sonho,
Porque a doutrina espírita desperta
Para o roteiro justo e a rima certa.

Um dia, vocês vão me compreender,
Que a todos cá se pedem versos toscos
E quem mais se atrapalha nos enroscos
Não vai poder deixar que o tal dever
Se esqueça nas calendas dos martírios,
Porquanto os mestres trazem belos círios.

Eu mesma vacilei durante a vida
E, quando cá cheguei, muito jejuna,
A rima pareceu-me inoportuna.
Agora, já não mais reconsolida
O medo das ações, pois me despacho
E recomponho os versos, mulher-macho.

Alguém vai suspeitar que já fui homem,
Nalguma encarnação menos perversa.
É claro que já fui mas a conversa
Exige que as pessoas não retomem
O vício da defesa costumeira;
E eu peço que o leitor o bem requeira...

Não vou contar de novo a minha história
De um ponto mais antigo e mais terrível.
Prefiro que me aceitem neste nível,
Que a dor, embora triste, é transitória,
Conforme testemunha esta criança
Que agora me sustenta e não se cansa.

Pedir eu peço muito a Jesus Cristo;
Não dou, porém, de mim mais que uns versinhos.
É hora de seguir outros caminhos?
Então, por que na trova tanto insisto?
A crise não passou mas ficou clara:
Agora vou orar que a mágoa para.

10. Vencendo o primeiro obstáculo

Em breve, vou poder regenerar-me,
Porquanto já compreendo uns pontos falhos:
Existem, nesta fase, uns espantalhos
Aos quais vou promover total desarme.
Eis que meu filho ajuda na empreitada:
Sem ele não faria quase nada.

Perdoa-me o pimpolho o destrambelho
Que um dia, noutra vida, cometi.
Apenas a memória resta aqui:
A causa do tormento e do conselho
Que agora passo ao povo que me lê:
Não caia na esparrela sem mercê.

Aflita estou no meio da poesia,
Ansiosa por chegar tão logo ao fim.
Preciso conformar-me, mesmo assim,
Que tal trabalho insano não se adia.
É como quando chove e a casa inunda
E a gente não se muda e leva a tunda.

O bem que vou fazer ao meu leitor
É dar-lhe ideia exata do mistério.
Assim, quando se deixa o cemitério,
Errando pelo espaço exterior,
O gajo aqui procura a sua turma,
Embora o povo pense que ele durma.

Se teve um desempenho muito bom,

Irá desembarcar junto aos melhores.
Se mau, nem vai ficar nos arredores,
Pois sua vibração lhe dá o dom
De se ajeitar no mundo dos traquinas,
Porque perdeu a vida nas esquinas.

Mas sempre há tempo p'ra crescer em mérito,
Caso à doutrina espírita obedeça,
Pois, se cuidar de pôr sua cabeça
Em bom lugar, os fatos do pretérito
Acabam esquecidos e sem dor,
Porque Jesus perdoa com amor.

Não seja hipócrita, porém, o gajo,
Querendo a salvação sem compromisso:
Precisa trabalhar, mostrar serviço,
Da mesma forma como aqui reajo,
Fundindo a cuca p'ra trazer tais versos,
Correndo o risco de compor perversos.

E, quando eu erro, vem meu mestre a mim,
Para explicar a correção mais justa,
Pois meu senão ao seu amor não custa,
Que não quer ver a trova tão ruim:
Talvez a rima não atice tanto;
Mas o que escrevo deve ser sem pranto.

Como é que vê o meu leitor a trova?
Será que tem sofrido algum revés?
No seu conceito, serve p'ros galés
Que penam nessa estrada em rude prova?
Ou nada se aproveita e perco o dia,
Argamassando o tema sem poesia?

Jesus eu peço a vós, em simples prece:
Iluminai-me os passos nesta esfera
E dai ao meu irmão uma quirera
Do vosso afeto augusto, pois merece
Um lenitivo a dor de quem sofreu
A rude compulsão do verso meu.

11. Dominando as circunstâncias

Ainda mais me cresce este entusiasmo,
Ao ver que vou vencendo cada etapa.
Às vezes, algum verso mau derrapa,
Mas ponho sentimento no marasmo
E logo surge a rima e me dou conta
De que meu titubeio não reponta.

O resultado é tudo quanto vale,
P'ra que o leitor amigo persevere
Atônito, se lê tal miserere,
Em rimas muito ricas, sem que abale
A fé que devo pôr nos mestres meus,
Pois mandam respeitar as leis de Deus.

Etapa por etapa, vou crescendo
Depositando amor em cada linha,
Enquanto a confiança mais se aninha
No coração de todos, sem remendo,
Que o verso nasce inteiro em minha mente,
Após confabular com minha gente.

Se dito devagar e com cuidado,
Meu médium mais se aflige de seu lado,
Julgando que não deve interferir.
Meus mestres é que trazem nobre aviso,
Pedindo p'ra que julgue ser preciso
Ir mais depressa, junto ao Wladimir.

Se o meu rascunho elege a melhor rima,

Não há que duvidar da minha estima,
E logo vou transpondo o meu limite,
Pois tenho tido sempre a companhia
De quem muito melhor tudo faria,
Mas não quer que o poeta sempre imite.

Mas ser original é tão difícil
E a gente aqui decora o rol dos sons!
Quando começo a trova, não são bons
Os versos que compõem este edifício.
Então, o pobre vate se perturba,
Porque pensa nas vaias já da turba.

Se contornei o mundo, p'ra chegar
No ponto em que hoje estou, tão devagar,
É claro que não dou um bom exemplo.
Aí, peço ao leitor que pense um pouco:
Não faça, caro amigo, ouvido mouco
E veja com que rima o bem contemplo.

Trabalho exige a vida do poeta,
De forma que as palavras ganhem força:
Se penso, antes senti, sem que se torça
A fórmula do amor, que se completa
Nas trovas que se fazem no capricho,
Pois corto, estico, emendo, prendo e lixo.

Existem duas formas de entender
O verso com que enfeixo a estrofe acima,
Pois é quanto ao sentido dessa rima
Que pude concentrar o meu poder
De rir, quando componho um verso sério;
Mas não vou explicar: fique o mistério.

Alívio é o que senti, ao concluir
Que posso orientar esta poesia,
Sem suspeitar que alguém aqui faria
Melhor que eu, pois penso no porvir,
Agradecendo ao Pai este trabalho,
Sabendo onde é que está seu ponto falho.

12. Cada um dá o que tem

No meio da jornada me encontrei
Envolta nestes versos tenebrosos.
Queria ao meu leitor dar doces gozos,
Mas p'ra quem não tem luz não vale a lei
De ter poder quem quer, mas só quem sabe
Se conduzir no bem, sem que se gabe.

Não hei de aqui jurar ser mais contente,
Que a dor inda perdura; e sigo em frente,
Conforme o meu destino e ameno sonho.
Se ri no verso acima, foi bem triste
Que recobrei consciência de que existe
Quem tenha de enfrentar um mal medonho.

Aí, vão me dizer que o sofrimento
Que vejo nos parceiros e me dói
Não pode doer tanto, quando sói
Aborrecer quem tem entendimento;
Porque Jesus teria apenas pranto,
Na compreensão da dor... Então me espanto...

— *Em que extensão a dor é compreensível?*
Estando o bom espírito encarnado,
Aceite quanto irmão se ponha ao lado,
Solicitando ajuda em mesmo nível.
Porém, na esfera em que me encontro agora,
A lei do amor e do perdão vigora.

Mas para amar e perdoar preciso

Compreender que o Pai ampara a todos,
Sem exigir demais, que os tais denodos
De toscas aparências, sem juízo,
Não vão causar piedade além da conta,
Pois basta uma oração que o bem desponta.

Notívaga, seguia pela estrada,
À luz da lua prateada e pura,
Pensando lá nas freiras da clausura,
Que não sabiam das belezas nada;
E não gozei a minha liberdade,
Que a dor alheia o coração me invade.

*— Tu és injusta, porque tens pendores
De argumentar ou de enfrentar as dores,
Como produtos da maldade eterna.
São de um segundo os sofrimentos todos
E não merecem de quaisquer rapsodos
Mais de um versinho; e sem causar baderna.*

*— A tua lágrima somente diz
Que és infeliz e que não tens sossego.
É bem melhor então que um outro emprego
Do teu esforço dê ao bem raiz,
Para crescer, no tronco das virtudes,
Flores e frutos com que tu te escudes.*

O sofrimento alheio é quase um vício,
Quando se espera muito já de si.
É o egoísmo que se nutre aqui,
Em vez de se propor um benefício
Que leve o companheiro à compreensão
De que seus males logo acabarão.

Vamos chorar quando a emoção for forte
E superar a dor com nossa prece:
O coração não tem razão, se esquece
Que existe alguém que nos dará suporte
Para o progresso, ao lado de Jesus,
Ao carregar, sereno, a nossa cruz.

13. Continuação pura e simples

Por isso, estou feliz no etéreo e sinto
Que faço muito bem em versejar,
Aproveitando a oferta deste lar
E do meu mestre, com valor distinto,
Pois, se sofrer aqui, corro o perigo
De me perder e merecer castigo.

Castigo, sim, o verso, sem dar trela
Ao arremedo simples do modelo.
É forte a tentação, pois, desde cedo,
Acende-se p'ra mim a luz da vela,
A tremular no escuro de minh'alma,
Que, embora seja pobre, muito acalma.

E sigo em frente, intemorata e forte,
Sabendo merecer que me conforte
A transmissão do verso que compus.
Ao vê-lo impresso n'alma de poeta,
Apresso-me a ditar, pois se completa,
Porquanto traz o ensino de Jesus.

— *Mas qual ensino?* — me pergunta o filho,
Aflito por me ver tão poderosa.

— *Não é verdade que o valor se dosa
Pela humildade nobre do estribilho?* —
Aí respondo em versos, pois não sei
Meio melhor p'ra demonstrar a lei.

Eu amo este meu filho, no limite

Do amor que entre as pessoas se permite,
Sem ofender aos mais dos arredores,
Pois todos querem ter o nosso afeto.
Por isso é que este verso já completo,
Com a lição que devo aos meus maiores.

O pensamento voa dispersivo,
Chegando à praia de quem, sendo vivo,
Não pode imaginar como se sente
O espírito que escreve esta poesia,
Senão pelo que diz, enquanto cria
Um mundo de ilusões, na luz tremente.

Por isso é que falei da vela pobre
A iluminar meu braço, que se apoia
Na força do meu mestre, rara joia,
De amor e caridade, que o mal cobre
Com sua compreensão tão generosa,
Pois ele é quem o que hoje escrevo dosa.

Preciso terminar e já começo
A estremecer, na fúria que contendo.
Meu filho fica sério e cerra o cenho,
Pois gostaria de alcançar sucesso
Na falação com que me dá mais força,
P'ra que a virtude exponha e não retorça.

Mas seu sorriso indica que aceitou
A rima e o compromisso de dar *show*,
Pois declarei estar feliz no início.
Caso se estrague a rima de algum modo,
Peço perdão, pois sei quanto incomodo,
Quando não passa a trova de artifício.

Jesus há de saber o quanto estou contente
E vai abençoar o povo que me lê.
Então, eleve a voz e diga ser você
O meu irmão na luz das bênçãos que hoje sente,
Mostrando ao Salvador que busca o seu destino
Na esperança e na fé — no amor que disciplino.

14. Indo ao ponto nevrálgico

Se deixo p'ra depois minha poesia
E ponho-me a pensar na triste vida
Em que sofri deveras, me revida
O filho que me ajuda, pois se adia
O ensejo de mostrar qualquer virtude,
Nas ânsias de que alguém, ao ler, se mude.

Então, eu me apetrecho com as rimas
E ponho no papel os pensamentos,
Buscando os poderosos, sem tormentos,
E digo ao filho meu: — *Bem sei que estimas
O bom trabalho que se faz aqui,
A ver se as dores, pelo tom, tolhi.*

Não quero que acreditem que inda temo
Minhas recordações mais tenebrosas,
Mas ouço a voz do mestre: — *Vê se dosas
A culpa de que acusas, mal extremo,
Os teus irmãos na carne, que te escutam
Mas sem saber direito por que lutam.*

Na esfera em que me encontro, a fantasia
Jamais irá ter vez, porque a consciência
Exige que se faça a conferência
De quanto bem o gajo poderia
Haver realizado de sobejo,
Se para tal tivesse algum desejo.

Por isso é que lhe trago, meu amigo,

O fruto do trabalho desta mente,
Mas peço p'ra que seja mui clemente
E faça a crítica feroz comigo,
Porquanto eu mesma não me aceito (e pronto!),
Se não me der ao parecer desconto.

Meu filho sofre, enquanto rimo a dor,
Por compreender que deverei dispor
Com alegria as tais lições de vida:
— *Por que chorar o leite derramado?*
É bem melhor sorrir, com doce agrado,
Ao ver que a luta ao nosso amor convida.

São rimas simples, mas que importa o texto,
Quando se sabe a trova só pretexto
P'ra refletir o gajo nas virtudes?!...
Caso outros termos cá teriam dons
De transformar os maus em seres bons,
Eu peço a ti que esta poesia estudes.

Quem não terá paciência para o estudo
Talvez não saiba o quanto sofro ainda,
Porque não vejo a trova ser tão linda,
Conforme imaginei seu conteúdo
Expresso nestas frases com sentido,
Repercutindo fundo em nobre ouvido.

Mas cada qual bem sabe dos problemas
Que enfrenta, a cada dia, aí no mundo:
Não quer que o tempo corra, enquanto inundo
De vis lamentações, causas supremas,
O seu miúdo desfilar de crises,
Neste enredar de leis e diretrizes.

Eu peço ao Pai que traga a todos paz,
Em suas bênçãos de total pureza,
E que me esperte junto desta mesa,
Para falar de amor, pois sou capaz
De vir cumprir as regras da poesia,
Ao disfarçar a dor nesta harmonia.

15. Breve inventário

Não quero me enganar neste trabalho,
Pensando estar fazendo um'obra-prima.
Se conseguir um pouco só de estima,
Preciso compreender que já não falho.
O meu pimpolho aperta a minha mão,
Sabendo que os leitores convirão.

Preciso, então, mostrar-me mais feliz
Nas rimas desta tarde de poesia.
Bem sei que ao meu rebento agradaria
A simples referência à diretriz
Do amor que o Cristianismo nos legou,
Sem dar neste poema grande *show*.

Se é simples o meu verso, é bem sincero
E serve p'ra resgate, sim, dos males
Que um dia pratiquei... — *Quero que cales,
Mãezinha, essa lembrança. Sim! Eu quero!
Se vens para ditar felizes versos
Não vais, perante mim, pô-los perversos.*

Estimulei a reação mais dura
De quem a vigiar-me se oferece.
Enquanto estou ditando, imerso em prece,
Meu estimado filho se assegura
De que os meus sentimentos não vacilam
Nem os meus pensamentos se maquilam.

Abraço o meu pimpolho ao terminar

E ponho os sentimentos no lugar,
Na exaltação dos versos que compus.
O pobre, em pranto, alegra-se também,
Sabendo que amanhã a dor não vem,
Debaixo dessas bênçãos de Jesus.

A cada dia, pois, o nosso afeto
Se estreita fortemente, no vigor
Deste trabalho rude de compor,
Na ânsia de tornar o bem completo,
Pois, quando se encerrar minha empreitada,
Bem sei que não teremos quase nada.

Mas restará conosco a melhor parte;
E não porque trabalhe com tal arte,
Que me expressei deveras com valor.
Mas fui capaz de dar ao filho meu
A condição de ser quem compreendeu
Que amar e ser amado é bem compor.

Já dei o meu recado deste dia,
Mas devo refletir que, na poesia,
Nem tudo se retrata plenamente.
Por isso, não encerro logo agora,
Sabendo que o perdão inda demora,
Até que ao meu leitor a luz aumente.

Não tenho o que dizer neste estribilho
P'ra fomentar as ânsias do trabalho
De quem não compreendeu meu ato falho,
Estando acompanhada do meu filho,
Deixando que ele estenda a sua mão,
Enquanto me perturbo na escansão.

Jesus, desejo agora descansar,
Compondo meu rascunho devagar,
P'ra apresentar na próxima sessão.
Inspira-me melhor, pois meu amigo
Não pode vir sofrer tanto comigo:
A tua bênção peço a cada irmão.

16. Sinceramente alegre

Do infinito vem a luz
Que se propaga na Terra;
Não a do sol: a que encerra
As virtudes de Jesus;
A que os anseios acalma,
Iluminando noss'alma.

Quem é que vela por nós
Desde as esferas sublimes?
Quem faz parte desses *times*?
Quem do amor é porta-voz?
São os amigos do etéreo,
Que nos dão bom refrigerio.

É gente mui devotada.
São missionários divinos.
Ao cantar, entoam hinos
Que alegam nossa jornada,
Porquanto sempre presentes,
À mão de todas as gentes.

— *Como vou saber se estão
Com vontade de ajudar?*
Vou recolher-me ao meu lar
E estudar minha lição:
Vou vigiar meus abalos;
Vou orar p'ra dominá-los.

Se tenho fé na doutrina
E nos dons de Jesus Cristo,
Não preciso mais que isto,
Pois meu mentor sempre ensina
Que a caridade proclama
Ao mundo quem mais nos ama.

Meu filho é todo alegria,
Pois sente nesta poesia
O quanto estou melhorando.
Já tranquilo, reza ainda,
Mas sabe o quanto está linda
A cantiga, em verso brando.

Ao receber tanta ajuda,
A fórmula logo muda:
Preciso corresponder
À confiança da equipe,
Que vai dar-me um *pique-pique*,
Após cumprir meu dever.

Neste dia diferente,
A poesia que se aguenta
Neste banho com sabão.
Transformei minha pessoa,
Para não compor à toa,
Desgostando o meu irmão.

Vendo os versos já mais gráceis,
Não vás pensar que são fáceis;
Que se fazem sem capricho.
Ao contrário, sigo a lei
Das regras da minha grei:

Pinto, bordo, coso e lixo!...

Brincadeiras à parte,
Vou ver se ponho mais arte
Na prece da despedida,
Pedindo por mais amor
A Jesus, nosso Senhor,
P'ra seres feliz na vida.

17. Assunto obrigatório

Agrada-me trazer o verso pronto,
Para ditar dum jato, sem mistério:
Assim vão entender o quanto é sério
O texto do trabalho, que confronto
Com tantos que lidei quando na Terra,
A ponto de causar na mente guerra.

Se um dia fui poeta, metrifico
Agora o texto em prosa, que componho
E passo ao médium meu, o qual, tristonho,
Não sabe, nesta hora, quanto é rico
O metro que disfarça a dor no peito
E diz, estando em paz: — *Eu tudo aceito!...*

Mas lá no fundo d'alma se enternece,
Porque não tem domínio da estrutura:
Se a rima, a balançar na haste insegura,
Lhe lembra que precisa duma prece
Para fortalecer a vibração,
Também jamais nos disse um simples *não*.

Meu filho se diverte, pois bem sabe
Com que intenção provoco o médium meu:
Mas não escondo aqui que não mexeu
Num verso só, que a emenda não lhe cabe.
Assim, preservo o texto dos aflitos,
Que temem de enganar-se em falsos ritos.

Agora vão dizer que aqui já leram

Imagens semelhantes bem melhores,
Mais cheias de nuances, pormenores,
E sentimentos bons, que protegeram
Este escrevente com mais força e brilho
E sem causar os risos de meu filho.

Não fosse a redatora muito sábia,
Iria demonstrar no verso a lábia
De quem só se atreveu a vir compor
Porque sabia bem que o resultado,
Por mais belo e feliz, se põe de lado,
Quando não mais comove o bom leitor.

E vou me expondo sempre e te asseguro,
Ó crítico voraz, que aqui dou duro,
Mas não neste momento de ditar:
Agora sinto apenas um tremor,
Que a vibração repete o meu compor,
E julgo estar ainda em alto mar.

A obrigação cumpri e me despeço,
Porque já fiz tremer o coração
De quem por mim orou com emoção,
A ver se conseguia algum progresso
Na forma e na virtude da poesia,
Deixando um texto forte como guia.

Ninguém é poderoso enquanto pena
P'ra compreender as leis universais:
Mas é justo querer o gajo mais
De quem chega com fama tão terrena
A ponto de iludir-se o próprio vate,
Que o bem passa a rimar com disparate.

Eu vou rogar ao Mestre que abençoe
As rimas que hoje fiz e que perdoe
Meu filho tão querido e tão fremente,
Porquanto ainda ri, tendo a esperança
De melhorar, que o bem inda se alcança,
Por indução, tão só, que a trova alente...

18. Aperfeiçoando o desempenho

Nas últimas poesias, tenho dito
Que quero melhorar e tudo faço
Segundo as leis do metro e do compasso,
Sem demonstrar, porém, se me habilito
Às luzes que provêm d'altas esferas,
Pois trago aos meus leitores só quimeras.

É mui difícil comprovar a força
Estando o sujeitinho cá no etéreo:
Por mais que seu exemplo seja sério,
Alguém sempre deseja que se torça
A informação precisa de que o bem
Vive no coração dele também.

Mas se não dou satisfação ao mundo;
Se não pespego meus cascudos rudes;
Se não demonstro possuir virtudes,
Por mais que estes meus versos calem fundo;
Ainda o gajo pensa vir das trevas
Estas mensagens pobres, vis, primevas.

É justo aqui, portanto, arremedar
Aqueles que os mortais mais admiram,
Conquanto os seus conceitos sempre firam
A tese do respeito de seu lar,
Porque, se ascendem nas divinas luzes,
Não mostram que carregam suas cruces.

— *Verso de sofredor também tem graça* —

Diria Allan Kardec à gente sua,
Sabendo que essa vida continua,
No superar das dores, que o mal passa,
Enquanto se espairose o vate pobre,
Deixando p'ra depois que o povo cobre.

Assim, bem determino cada rima,
Expondo os meus motivos de paixão.
Os amigos da turma exultarão
Ao término da trova que se estima
A mais feliz e douta da jornada,
O que, p'ra muita gente, é quase nada...

O que pensa meu filho disto tudo?
Exige que se dê bom conteúdo
À forma que domino com vigor.
Deseja que os floreios se acentuem,
Que os versos são melhores, caso atuem
No despertar do bem com muito amor.

O meu estilo é simples, despojado
Das lantejoulas desse romantismo.
A bem dizer, eu vou cair no abismo,
Se não me convencer não ser de agrado
Do povo que me lê a fala justa,
Porquanto a fantasia muito custa.

Vou escolher melhor certas palavras,
P'ro alheio coração espicaçar.
E vou dar ponto e nó no seu lugar,
P'ra embelezar as frases destas lavras,
Pois quero ouvir remedos de elogio,
Porquanto, embora pobre, tenho brio.

Desejo agradecer ao filho meu;
Ao mestre, que me ouviu e convenceu
De que as sextilhas têm beleza e charme;
E aos benfeitores todos da *Escolinha*,
Que dizem que o trabalho se avizinha:
Por isso, clamo ao Pai para ajudar-me.

19. Eu, pecadora, me confesso

Tracei o meu destino na certeza
De descobrir, juntinho desta mesa,
O grupo que me estima e me conduz,
Porquanto tenho fé nesta postura
De vir dispor a rima muito pura,
No ensino de Kardec e de Jesus.

Também procuro os termos mais bonitos,
Aqueles que projetam nossas almas
Cheias de anseios por ruidosas palmas
Para lugares belos, infinitos,
Neste universo em luz resplandecente,
Que serve de guarida à nossa gente.

Ninguém terá o desejo de parar
Esta leitura amena e de proveito,
Pois quero o meu leitor mui satisfeito,
Na paz e nos afetos de seu lar,
Lembrando-lhe que Deus lhe deu a vida
Para tornar a liça apetecida.

— *É plágio!* — não de dizer os mais afoitos,
Que *vida apetecida* já se encontra
Em texto mui formoso; é ser bilontra
Tirar ainda quentes os biscoitos
Da boca que se abriu para comê-los:
— *Muito melhor faria sem tais zelos!*

Nesta doutrina espírita exemplar,

Os versos também têm o seu lugar,
Inda que se repitam sem pudor,
Porque, se falam mais ao coração,
Ninguém irá dizer um simples *não*,
Na hora de aceitar o meu compor.

É generoso o gajo que me lê:
É ele a quem já chamo por você,
Enquanto vibro as emoções do dia.
Nas horas túrbidas da dor atroz,
É sempre bom ouvir a doce voz
Que disciplina o mal numa poesia.

Nem sempre a imitação é muito má:
Às vezes, chega a ser bem bonitinha,
Especialmente quando alguém cozinha,
P'ra que o biscoito coma quem está
Com fome verdadeira e já sem fogo,
Que a vida, muita vez, é rude jogo.

Meu filho quer ainda um pouco mais,
P'ra completar o número ideal,
Aquele combinado e coisa e tal:
Nesta pendência métrica de paz,
Que o dia só termina quando a décima
Estrofe que ditar não seja péssima.

Jesus, eu peço que me livre agora
Do compromisso que também vigora
Entre os irmãos que me elegeram vate:
Para ser boa, a rima deve ainda
Sofrer castigo intenso na berlinda;
E tenho pouco tempo... Xeque-mate!...

Peço perdão, Senhor, por ser tão pobre
O verso em que concludo esta poesia.
Bem sei que mais estudo deveria
Propor ao filho meu, até que sobre
Um sentimento puro para o verso,
A resplender em luz no amor imerso.

20. Promessa de vida

Preciso vir dizer com emoção
Que a luta está no fim; que o meu irmão
Já vai poder livrar-se da leitura
Destas sofridas linhas, pois não tenho,
Ainda que promova sério empenho,
Assunto que mereça esta estrutura.

Em paz, eu seguirei o meu caminho,
Na companhia alegre do meu filho,
Até que, um dia, vai surgir um brilho
Na mente de nós dois, eu adivinho:
Então, eu vou tornar à velha estrada,
Na rota do progresso, reencarnada.

O compromisso eu cumpro mesmo em dor,
Sabendo que se exige que o compor
De nova encarnação preveja a morte.
Vou dar à vida uma importância tal
E defender a lei universal
Do mal que o meu espírito transporte.

Enquanto, nestes versos, me dou bem
E tudo arranjo p'ra mostrar que venço,
Estende-me o meu mestre um lindo lenço
Para enxugar as lágrimas, que vêm
À simples alusão do sofrimento,
Pois outra encarnação não sei se aguento.

Meu filho é quem me diz que Jesus Cristo
Falou que a cruz mantém o peso certo;
Que o gajo que a carrega traz bem perto
O protetor que um dia, por benquisto,
Lhe prometeu ajuda noite e dia,
Conforme ocorre nesta *cantoria*.

Terei meu filho vivo junto a mim,
Oferecendo apoio como agora?
Ou vai ficar no etéreo, pois vigora
A lei do amor, que busca não dar fim
Às ligações que se fizeram puras,
Juntando essas esferas e as ternuras?

Não creio em desperdícios nessas vidas,
Se a gente leva à Terra os companheiros.
Talvez não possam ser sempre os primeiros,
Mas sempre vão provar, em rudes lidas,
Que querem que cresçamos com Jesus,
Do jeito que esta trova hoje compus.

Explico essa assertiva sem pudor,
Dizendo, simplesmente, que o compor
Nos traz muita alegria ao coração.
Se temos a Jesus por guia, a vida
Irá facilitar nossa subida,
Degrau sobre degrau, jamais em vão.

Por isso a minha prece traz o selo
Da fé e da esperança, pois vou tê-lo
No coração ansioso por voltar
Mais nobre e mais feliz, que o desempenho
Recebe agora a luz, pois não desdenho

A ajuda dos irmãos, junto ao meu lar.

A Deus eu peço humilde que o destino
Reserve, para os meus, felicidade;
Que a cada um de nós não desagrade
A luta pelo bem que descortino.
Nas mãos do Pai, entrego esse futuro,
Orando com fervor, em tom mais puro.

21. Batismo de amor

Vou dizer-lhes francamente
Que este dia está mui quente
E me sinto até febril.
Fui visitar uns amigos
Que reclamavam abrigos,
Nas cidades do Brasil.

Voltei bastante cansada,
Porém, não fiz quase nada:
Esquadrinhei suas mentes.
Os parceiros, bem mais prestos,
Me pouparam dos doestos
Daqueles mais exigentes.

Saí da torre, afinal:
Fui trabalhar contra o mal,
Tarefa iniciante.
Levei comigo o meu filho,
Com quem hoje compartilho
O amor que esse bem garante.

Não chorei amargo pranto,
Que a dor agora suplanto,
Com mais fé, mais confiança.
Devo ser forte na lida,
Pois cada irmão me convida
A sentir que amor se alcança.

Perdi bastante do medo

Com que acordei hoje cedo,
Bem na hora do trabalho.
Fui ajudada, confesso,
Para alcançar bom sucesso,
Nesta poesia que espalho.

Aqui no etéreo é assim:
Se alguém precisa de mim,
Eu também recebo ajuda.
A corrente é fraternal,
Pois se considera o mal
Um ponto que a turma estuda.

Recomendo que o leitor
Queira sempre recompor
Cada faceta da luta,
Para entender que é melhor
Ter a resposta de cor,
Pois, assim, o bem desfruta.

É mais fácil quando o grupo
Entende a ofensa do irmão,
Abrindo-lhe o coração,
Debaixo de forte apupo,
Que o perdão que alguém lhe dá
É recompensa p'ra já.

Quando voltei, já sorria,
A pensar nesta poesia
Composta de coração.
Não escolhi as palavras:
Fui escrevendo estas lavras,
Pois decorei a escansão.

Não me importa sejam feias:
As moscas só caem nas teias
Pelo fato de voar.
Jesus me abriu doce manto
E, nesta prece, me encanto,
Ao pedir por nosso lar.

22. Inventário

— *Falhei na tentativa de progresso!* —,
Dirá meu bom amigo que me lê,
Porque não sabe bem quem é você,
Na hora do trespasse e do regresso,
Tomando por exemplo alguns fatores,
Nos testes que causaram fortes dores.

Porém, se Jesus Cristo faleceu
Na infâmia de um madeiro criminoso,
Não há ninguém querer do bem o gozo,
Dizendo estar composto o mundo seu:
Não pode ser ingênuo e já pensar
Se é nobre ou se é perverso o seu lugar.

Quem trabalhar na esfera da bondade,
Fazendo o bem que pode ao semelhante,
Há de continuar, seguindo avante,
No mesmo diapasão, pois persuade
O mestre que o agasalha na *Escolinha*
Que gosta do serviço e já se alinha;

Pois esconder não pode quem não faz
Senão apedrejar o teto alheio.
Eu mesma já senti tanto receio
Que até perdi de vez a minha paz.
Preciso foi que o mestre meu me desse
As vibrações do amor, em meiga prece.

Meu filho está presente e me consola,

Pois sente que me privo da alegria
Perante a dor dos outros, que me adia
A recomposição da barcarola
Com que me atenuava esta viagem
Por água muito túrgida, selvagem.

Mas pessimismo mesmo já não tenho,
Que o verso está mais solto e mais catito.
Sou eu que não avanço e que me irrita,
Fechando do meu filho o doce cenho,
Dizendo e desdizendo, sem firmeza,
As dúbias trovas débeis junto à mesa

Por que razão me atrevo a conturbar
A paz que aqui criei num outro dia?
Terei sido malandra na poesia,
Falsificando o humor dentro do lar
Apenas p'ra tornar o meu leitor
Propenso a me aceitar neste compor?

Nem sempre o sentimento que me aflora
Contém toda a alegria que hoje sinto,
Porém, devo dizer que está extinto
Todo desejo vão de pôr p'ra fora
Os males que me trazem sofrimento,
Porquanto compreendi que tudo aumento.

Está perto da hora de partir,
Faltando só dois dias de ditado.
Por isso é que não pus tão já de lado
A ideia de mostrar que, no porvir,
Virei com mais poesia, e mais perfeita,
Pois nada que escrevi meu povo aceita.

Jesus, sede por mim na minha dor
E perdoai meus erros de escansão.
Fazei com que mantenha o coração
Batendo em bom compasso, ao vir compor
Um hino, em homenagem ao amigo
Que se manteve em paz aqui comigo.

23. Obrigado, amigo!

Preciso agradecer a cada irmão
Que reservou seu tempo para mim.
Agora, estando próxima do fim,
Não sei como é que muitos se haverão
Diante do trabalho que a poesia
Requer de quem procura esta harmonia.

Responsabilidade é coisa séria:
Exige que se tenha muito mérito.
Portanto, recomendo um bom inquérito
Junto à consciência pura, sem matéria,
Para saber se o bem se faz co' amor,
Palavra que hoje ouvi do professor.

E se não contiver meu coração
As qualidades todas que requeiro?
Preciso já saber o que primeiro
Virá na lista do serviço ou não
Irei fazer o meu melhor na vida,
Pois só o bem qualquer ação valida.

Estremeci ao ler os versos todos
Que forneci neste jargão etéreo:
Não sei se desdobrei este mistério
Ou se encobri apenas os engodos
Que para mim sussurro noite e dia,
Caso contrário a dor me afogaria.

Não é de obrigação que o vate aqui

Demonstre ser feliz ou muito bom.
Somente a mim me cabe, tendo o dom,
Vir relatar os dramas que vivi,
Mostrando onde pequei, onde cresci,
Em ondas de frequência neste tom.

Por isso é que, no etéreo, esta poesia
Se mede diferente que na Terra:
Enquanto o bom mortal aí se aferra
Ao gozo melodioso da harmonia,
A gente mais se expõe e considera
Que são outras as cores nesta esfera.

Mas temos de ceder ao gosto humano,
Para fazer a trova convincente,
Senão o rude drama não se sente
E vão julgar que eu sempre o povo engano,
Mantendo-me afastada da virtude,
Querendo que o meu filho mais me ajude.

Preciso convencer que melhorei,
Para entender o povo esta poesia?
Como é que o meu amigo comporia
O texto, se seguisse a mesma lei
De só dizer aqui toda a verdade,
Em trova em que me pede que me agrade?

Meu filho fica alegre e me pergunta
Se tive a sensação de aqui compor
Alguma coisa boa, superior,
À parte de escrever obra conjunta,
Saindo desta mesa mui contente,
Ao ver que certo bem não se desmente.

Então, respondo, em prece comovida,
Rogando a Jesus Cristo que proteja
O povo que me leu e que viceja
Nas doces alegrias dessa vida
De ingente sacrifício, em prol do bem,
Orando aqui conosco e mais além.

24. Saudosa despedida

De todos os poetas, fui aquela
Que mais me emocionei e me perdi.
Talvez o resultado surja aqui
Com certa precisão, mas não revela
Quantos rascunhos fiz e desprezei
Por força de burlar do etéreo a lei.

Já me encontrava em plena condição
De dar tranquilidade ao coração,
Quando o mestre passou este serviço.
O poveréu da classe prometeu
Que iria me ajudar, se um erro meu
Pudesse desfazer tal compromisso.

Meu filho se postou bem confiante
Ao lado desta mesa e me garante
Que tudo o que escrevi tem meu *'tá lento...*
Eu brinco co' a expressão mas falo sério,
Ao demonstrar que existe mais mistério
Envolto nesta prática que enfrento.

A perfeição vou postergar, assim
Ninguém irá cobrá-la já de mim
E o verso passa incólume na trova.
O mestre me sorri e diz que o brio
É qualidade rara, pois confio
Em que vou melhorar-me nesta prova.

Desejo agradecer ao médium meu,
Sem muitas efusões, mas vou compor

Um verso que demonstre, com ardor,
O quanto inda lhe devo ao bom museu,
Onde encontrei relíquias para as rimas,
Aqueles que tomei por obras-primas.

Aos companheiros deixo nesta lavra
Só a simplicidade da palavra
Que tenho ouvido deles ao meu lado.
Por tudo que me deram todo dia,
Não sei como expressar minha alegria:
Aceitem tão somente este *obrigado!*

Ao filho tão querido nada digo,
Mas dou-lhe o meu abraço em doce pranto.
Espero que jamais se quebre o encanto
De tê-lo a evoluir junto comigo:
O eterno nos espera e nos conforta,
Enquanto não nos abre o Pai a porta.

Por meus mestres amados, minha prece
A Deus, para que colham dessa messe
Os frutos saborosos que provei,
Para distribuir pelos caminhos,
Pois todos já merecem novos ninhos
Onde ensinar os tópicos da lei.

A Jesus Cristo eu peço, humildemente,
Que me ampare, me ajude e me alimente,
Sob um manto de luz, de paz, de amor;
Que faça com que a trova se transforme
Num hino a despertar o irmão que dorme;
Num canto imarcescível de louvor.

Indaiatuba, de 21.10.97 a 04.02.98.